

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

GABRIELA MOREIRA DE ASSIS

**O PAPEL DO EDUCADOR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO DOS ALFABETIZANDOS**

Brasília – DF

2012

GABRIELA MOREIRA DE ASSIS

**O PAPEL DO EDUCADOR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO DOS ALFABETIZANDOS**

Trabalho Final de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a Dra. Stella Maris Bortoni-Ricardo

Brasília- DF

2012

**O PAPEL DO EDUCADOR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO DOS ALFABETIZANDOS**

Trabalho Final de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^aDr^a Stella Maris Bortoni-Ricardo (UnB) – Orientadora

Prof^aDr^a Ana Dilma Almeida Pereira

Prof^aDr^a Veruska Ribeiro Machado

Ma. Thaís de Oliveira

Brasília- DF

2012

Às pessoas que me acompanham todos os dias, e são responsáveis por encher o meu coração de alegria, fé, confiança e compaixão. Ensinando o valor e a importância de um amor verdadeiro e incondicional. Aos meus pais, **Samuel** e **Aucirene**, e a minha irmã **Daniela**.

AGRADECIMENTOS

Com a sensação de dever cumprido, felizmente, chego ao final de mais essa etapa em minha vida. E reconheço o quão duro foi percorrer todo esse caminho, enfrentei vários obstáculos, driblei inúmeras dificuldades, fui pega em diversos momentos pelo estresse e cansaço, mas jamais pensei em desistir. E agora que estou completando a minha formação no curso de Pedagogia, percebo que nunca permaneci sozinha ou desamparada, sempre estive rodeada por pessoas maravilhosas, às quais serei eternamente grata.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que me permitiu realizar o sonho de ingressar na UnB e concluir a graduação.

Agradeço aos meus pais pelo amor incondicional, infinita dedicação, vasta credibilidade e principalmente pelo exemplo de vida que representam para mim, tudo isso foi essencial para me tornar a pessoa que sou hoje.

Agradeço a minha irmã, Daniela, pelo amor, paciência, solidariedade, conselhos e preocupação durante todo esse processo.

Agradeço aos professores, que fizeram parte da minha história dentro da Faculdade de Educação no decorrer do curso de Pedagogia, pela imensa dedicação e pelas contribuições que foram fundamentais ao meu desenvolvimento, pessoal e profissional. Em especial a minha orientadora, Stella Maris Bortoni-Ricardo, pelo acolhimento, pela disposição em me orientar, pelo compromisso que estabeleceu comigo, e principalmente por não me deixar desanimar. O carinho, a paciência e a boa vontade foram fundamentais para que eu chegasse firme até o fim.

Agradeço também aos amigos que construí durante essa jornada, Igor Monteiro, Alinne Eirado, Érica Cavalcante e Camila Cançado, pela amizade, os almoços, os sorrisos, enfim pelo companheirismo.

Agradeço a todos que de modo direto ou indireto estiveram ao meu lado nesta trajetória e que de alguma forma contribuíram para meu crescimento.

Enfim, essas são as pessoas que marcaram a minha vida, e ganharam um lugarzinho cativo no meu coração. A minha gratidão e o meu carinho vão ser eternos, e com certeza, será impossível recordar os tempos de faculdade, sem trazer a memória o sorriso aberto, o imenso carinho e o apoio incalculável de cada um deles.

MUITO OBRIGADA!

Desejo

Desejo primeiro que você ame,
E que amando, também seja amado.
E que se não for, seja breve em esquecer.
E que esquecendo, não guarde mágoa.
Desejo, pois, que não seja assim,
Mas se for, saiba ser sem desesperar.
Desejo também que tenha amigos,
Que mesmo maus e inconsequentes,
Sejam corajosos e fiéis,
E que pelo menos num deles
Você possa confiar sem duvidar.
E porque a vida é assim,
Desejo ainda que você tenha inimigos.
Nem muitos, nem poucos,
Mas na medida exata para que, algumas vezes,
Você se interpele a respeito
De suas próprias certezas.
E que entre eles, haja pelo menos um que seja justo,
Para que você não se sinta demasiado seguro.
Desejo depois que você seja útil,
Mas não insubstituível.
E que nos maus momentos,
Quando não restar mais nada,
Essa utilidade seja suficiente para manter você de pé.
Desejo ainda que você seja tolerante,
Não com os que erram pouco, porque isso é fácil,
Mas com os que erram muito e irremediavelmente,
E que fazendo bom uso dessa tolerância,
Você sirva de exemplo aos outros.
Desejo que você, sendo jovem,
Não amadureça depressa demais,
E que sendo maduro, não insista em rejuvenescer
E que sendo velho, não se dedique ao desespero.
Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e
É preciso deixar que eles escorram por entre nós.
Desejo por sinal que você seja triste,
Não o ano todo, mas apenas um dia.
Mas que nesse dia descubra
Que o riso diário é bom,
O riso habitual é inosso e o riso constante é insano.

Desejo que você descubra,
Com o máximo de urgência,
Acima e a respeito de tudo, que existem oprimidos,
Injustiçados e infelizes, e que estão à sua volta.
Desejo ainda que você afague um gato,
Alimente um cuco e ouça o João-de-Barro
Erguer triunfante o seu canto matinal
Porque, assim, você se sentirá bem por nada.
Desejo também que você plante uma semente,
Por mais minúscula que seja,
E acompanhe o seu crescimento,
Para que você saiba de quantas
Muitas vidas é feita uma árvore.
Desejo, outros sim, que você tenha dinheiro,
Porque é preciso ser prático.
E que pelo menos uma vez por ano
Coloque um pouco dele
Na sua frente e diga "Isso é meu",
Só para que fique bem claro quem é o dono de quem.
Desejo também que nenhum de seus afetos morra,
Por ele e por você,
Mas que se morrer, você possa chorar
Sem se lamentar e sofrer sem se culpar.
Desejo por fim que você sendo homem,
Tenha uma boa mulher,
E que sendo mulher,
Tenha um bom homem
E que se amem hoje, amanhã e nos dias seguintes,
E quando estiverem exaustos e sorridentes,
Ainda haja amor para recomeçar.
E se tudo isso acontecer,
Não tenho mais nada a te desejar ".

Victor Hugo

RESUMO

A alfabetização é o momento crucial da vida escolar de qualquer pessoa, que parte da decodificação de letras e sons, alcançando a compreensão. A presente pesquisa tem como principal objetivo observar as estratégias utilizadas pelo professor para auxiliar o desenvolvimento cognitivo do alfabetizando. Este estudo pretende também identificar as metodologias usadas pelo educador durante a alfabetização e analisar como tem sido o trabalho realizado em sala para o desenvolvimento da consciência fonológica do alfabetizando. A fim de analisar essas estratégias, uma turma de alfabetização foi acompanhada durante 4 meses no ano de 2012, e alguns episódios em sala de aula, pertinentes ao tema aqui discutido, ilustrarão este trabalho.

Palavras-chave: Desenvolvimento cognitivo, estratégias didáticas, consciência fonológica.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PRIMEIRA PARTE	10
MEMORIAL	11
INTRODUÇÃO	19
JUSTIFICATIVA	22
QUESTÃO EXPLORATÓRIA	23
OBJETIVOS	23
Geral	23
Específicos	23
ASSERÇÕES	24
Geral	24
Subasserções.....	24
SEGUNDA PARTE	25
1. O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA	26
1.1 O desenvolvimento.....	26
1.2 Psicologia do Desenvolvimento.....	26
1.2.1 Surgimento	27
1.2.2 Os estudos da Psicologia do Desenvolvimento	27
1.3 O desenvolvimento do alfabetizando.....	31
1.3.1 Primeira infância (2 aos 6 anos)	31
1.3.2 Segunda infância (6 aos 12 anos)	32
1.4 Desenvolvimento durante a alfabetização	33
2. A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO	35
2.1 A educação	35
2.2 O professor	36
2.2.1 O professor e a pedagogia.....	37
2.2.2 O ato de ensinar.....	38
2.3 Ingresso na Escola	39
2.4 Didática para alfabetizar	41

3. DO LETRAMENTO À CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA	44
3.1 Os primeiros contatos com as práticas de letramento	44
3.1.1 O letramento	45
3.1.2 Alfabetização.....	47
3.2 Desenvolvendo a consciência fonológica.....	49
4. METODOLOGIA	53
4.1 Apresentação dos dados.....	54
4.1.1 A chamada.....	54
4.1.2 O caldeirão da mistura.....	55
4.1.3 O alfabeto	56
4.1.4 Rabiscando no ar	57
4.1.5 Trabalhando com embalagens	57
4.1.6 Nome dos alunos	58
4.1.7 Montando um dicionário de bolso	58
4.1.8 Dançando com as letras e formando palavras	60
4.1.9 Completando a tirinha da Turma da Mônica.....	61
4.2 Análise dos dados.....	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
TERCEIRA PARTE	70
1. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	71
REFERÊNCIAS	72

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, está dividido em três partes: o memorial, a monografia e a perspectiva profissional.

A primeira parte do trabalho é o memorial, texto em que foi relatada a minha história de vida, como filha, estudante, professora, desde criança até o atual momento, citando episódios que foram significativos para essa trajetória.

A segunda parte do trabalho, a monografia, é composta de quatro capítulos. No primeiro, “O desenvolvimento cognitivo da criança”, a partir das contribuições da Psicologia do Desenvolvimento, foi feito um levantamento de pontos cruciais ao estudo do Desenvolvimento das crianças. O segundo capítulo, intitulado de “A prática pedagógica do professor na alfabetização”, vai refletir a importância do professor no desenvolvimento cognitivo das crianças que estão inseridas no processo de alfabetização. O terceiro capítulo, “Do Letramento à Consciência Fonológica”, retrata a importância do desenvolvimento da consciência fonológica nas criançasalfabetizandas. O quarto capítulo refere-se à “Metodologia”; nele a pesquisa é descrita, e os dados coletados são apresentados e analisados, embasados por todo arcabouço teórico apresentado neste trabalho.

Por fim, na terceira parte do trabalho, apresento a minha perspectiva profissional, expondo os meus desejos e anseios para nova etapa que se inicia agora.

PRIMEIRA PARTE

MEMORIAL

É impossível falar da minha vida sem citar meus pais, que, por uma coincidência ou destino, saíram de suas cidades de origem e se encontraram em Brasília. Aucirene, minha mãe, ainda pequena veio do Maranhão para o Distrito Federal. Meu avô que era estucador (desenvolvia trabalhos com gesso), aproveitou o período de construção da nova capital para tentar a sorte e trouxe toda a família para a capital federal. Já meu pai, Samuel, vivia na cidade de Caicó, Rio Grande do Norte, mas acabou se mudando para o Distrito Federal com sua família, à procura de um tratamento mais confiável para um de seus irmãos que sofrera um acidente e lesionou a coluna cervical, resultando em sua tetraplegia.

Passados alguns anos, de uma vida sofrida, morando de favor na casa de parentes, sobrevivendo precariamente, meu avô materno resolveu participar de um programa de habitação promovido pelo Governo, e logo em seguida foi contemplado com sua casa própria, uma residência simples e humilde, localizada na Ceilândia, uma das regiões administrativas do Distrito Federal. Após alguns anos dessa grande conquista e já morando naquela cidade há algum tempo, eis que se mudou para aquela rua a família do meu pai, que tinha à frente uma senhora batalhadora, minha avó paterna, que vivia para os filhos e o marido, sendo a maioria rapazes, adolescentes. A casa era sempre bem movimentada, isso acontecia porque o meu tio, que havia se tornado deficiente cantava, e sempre participava de festivais de música, que naquela época era bem comum. E foi durante os ensaios para esses festivais, que meus pais se conheceram, em princípio houve certa rejeição, logo depois, entenderam-se, namoraram por cinco anos e, no dia quinze de julho de 1989, se casaram.

A casa dos fundos da casa dos meus avós maternos foi o local onde moraram alguns anos. Assim que se casaram, após um mês de casados, foram surpreendidos com a notícia da gravidez e, no dia sete de abril de 1990, eu nasci.

Quando nasci minha mãe ainda era muito jovem, ainda não havia concluído os estudos, fazia um curso técnico de habilitação básica em saúde, e a parte prática desse estágio acontecia no SESI. Meu pai, nesse período, era promotor de vendas em uma Empresa Multinacional.

O meu primeiro contato com a escola aconteceu aos três anos, em uma escolinha próxima a minha casa, onde minha tia era a professora. Nesse local concluí o maternal, mas confesso que não desenvolvi muitas habilidades.

No ano seguinte, minha mãe foi efetivada como funcionária da empresa onde estava estagiando e, ao se deparar com a dificuldade em encontrar alguém que pudesse ficar

responsável por cuidar de mim na sua ausência, optou por me matricular na escola do SESI, no Jardim I. Nessa instituição permaneci por dois anos.

Chegando aos cinco anos, era notável a minha curiosidade, e o meu desejo de aprender a escrever, partindo daí, minha mãe aos poucos, mesmo sem dispor de grandes habilidades didático-pedagógicas, foi me apresentando as “letrinhas”, associadas a determinadas palavras, até que, finalmente, aprendi a escrever o meu nome.

No final do ano de 1993, recebi um lindo presente de Deus, a chegada da minha única irmã, Daniela, era uma menina linda e recebeu esse nome por insistência minha, pois na época era fã da cantora baiana Daniela Mercury. Nesse mesmo período, havíamos nos mudado para uma casa na rua abaixo da que minha avó materna morava. Eu irradiava felicidade, numa casa grande, com muito espaço para brincar, e havia a chegada de uma irmãzinha, que era tudo o que eu mais queria. Não sei se fui surpreendida pela recém – chegada na família, mas meu comportamento sofreu determinadas alterações nesse período.

Nessa mesma escola também estudavam dois primos, a Denise e o Ygor. A Denise, uma série a frente, se tornou por algum tempo motivo de preocupação para toda a família, pois já tinha seis anos e, até então, não reconhecia as letras, não sabia escrever sequer o seu nome e não diferenciava as cores. A partir disso, sua mãe, que é minha madrinha, resolveu mudá-la de escola, foi quando conheceu outra escola, particular, próximo a nossa casa, o Colégio Tiradentes.

Sem se deixar dominar pelo comodismo e constatando a estagnação da minha aprendizagem, pois aos cinco anos só sabia as letras do alfabeto ditas de trás para frente, e só havia aprendido a escrever o nome em letras garrafais, devido ao esforço e preocupação da minha mãe, meus pais optaram, então, por, também, me matricular no Colégio Tiradentes.

Confesso que grande foi o choque sofrido com essa mudança de escola, me surpreendi dentro de uma turma, na qual todos conheciam as letras do alfabeto, sabiam diferenciar vogais e consoantes, conseguiam formar sílabas, reconhecer e ditar “famílias”. Eu não tinha domínio de nenhuma dessas habilidades. Foi então que a professora Nadja, que estava lecionando naquela turma, chamou a minha mãe, esclareceu a minha dificuldade e sugeriu que minha mãe desempenhasse um trabalho paralelo aquele realizado dentro de sala de aula, somente desse modo seria possível que eu acompanhasse o ritmo daquela turma.

Com a mudança de escola e surpreendidos pela demissão da minha mãe, tivemos que voltar a morar nos fundos da casa dos meus avós, o que não era nenhuma fatalidade, até porque nos dávamos muito bem, o problema só era o espaço limitado, pois se tratava de uma casa de três cômodos: sala- cozinha, banheiro e quarto.

Levando em consideração a minha dificuldade de aprendizagem e depois da conversa tida com a professora, minha mãe resolveu seguir o conselho dado, me acordava cedo todos os dias e ficávamos estudando até o horário de ir para a escola, quando voltava da aula, retornava aos estudos. Posso afirmar que chego a esquecer da quantidade de vezes que chorei ao falar que não daria conta de aprender, que era burra, que queria desistir, mas minha mãe nunca me deixou fraquejar, sempre me dando força, me motivando, acompanhando de perto o meu desempenho dentro de sala de aula. Após alguns meses de um árduo trabalho e dedicação, me encontrava, de fato, alfabetizada.

Foi, justamente, nesse período que despertei para a minha vocação, dar aula, me tornar professora. Mesmo com estudos pela manhã, as aulas no período da tarde, no meu horário livre e/ou nos finais de semana, passava horas e horas brincando de “escolinha”, fingindo ser professora, simulando passar ensinamentos. Foi daí, então, que percebi, havia nascido para ensinar.

Em 1997, aos três anos minha irmã entrou na escola. Por chorar todas as vezes que meu pai me deixava na escola, a direção propôs que ela fizesse um teste de adaptação. Com o resultado positivo, prosseguiu normalmente. Meu pai havia sido promovido no seu trabalho e minha mãe recontratada pela empresa em que trabalhava.

Devido às dificuldades financeiras e à falta de interesse, meu pai só finalizou seu ensino médio em 2001, por muita insistência da minha mãe, e após perder algumas belíssimas oportunidades de emprego. Quanto a minha mãe, concluiu seu ensino médio, grávida, como já citei anteriormente, mas sempre teve o sonho de ingressar e concluir o nível superior, mas até então era algo utópico.

Meus pais sempre deixaram clara a importância de aproveitar as oportunidades, valorizar a chance de estudar em uma escola particular, a significância de se dedicar aos estudos, enfim reforçando que o nosso futuro estava em nossas mãos.

Após algum tempo depois, morando de aluguel e retornando à casa dos meus avós, meus pais resolveram ir à busca da nossa casa própria. Várias foram as residências em que nós fomos olhar, procuramos por diferentes lugares, até que na rua em que nós morávamos surgiu uma casa à venda. Foi quando minha avó sugeriu que comprássemos a casa dela, e ela compraria a outra. E então, meus pais aceitaram e, assim, conquistamos mais essa vitória em nossa vida: uma casa que seria só nossa, cada um teria seu quarto, teríamos uma sala e uma cozinha. Era só felicidade!

Mesmo não morando mais na casa dos meus avós, mantive uma ligação muito intensa com meus primos, desfrutávamos de vários momentos juntos. Porém o fato de estudarmos

todos em uma mesma escola foi algo que me incomodou por um bom tempo, pois, na maioria das vezes, éramos comparados uns aos outros. Tínhamos que ter os mesmos desempenhos e confesso que sofria muita com isso, não por cobrança ou exigência dos meus pais, até porque eles acompanhavam todo o meu esforço e dedicação.

Diversos foram os episódios de entrega de notas das avaliações em que chegava em casa aos prantos, choro esse, em grande parte, provocado por comentários desagradáveis que escutava por parte das minhas tias, criticando os resultados que havia alcançado, me titulando como uma filha ingrata, por não valorizar todo o esforço dos meus pais. E confesso que essa situação me atingiu por um logo tempo, mesmo estando com a minha consciência limpa, certa de que estava exercendo de maneira justa e correta o meu papel de aluna e filha.

Depois de um tempo de sua recontração como auxiliar de consultório dentário, minha mãe foi transferida para a unidade móvel. A partir daí, passaria o dia inteiro fora de casa e só retornaria à noite. Meu pai foi promovido e passou de promotor de vendas à representante de vendas, vendedor, e também passaria o dia fora. Mas isso não foi motivo para depositar as devidas obrigações que tinham conosco, eu e minha irmã, na escola ou na pessoa que estava responsável por cuidar da gente no momento.

Até que atingíssemos a maturidade para estudarmos sozinhas, meus pais se esforçaram ao máximo. É impossível não lembrar as inúmeras vezes que faziam as atividades que funcionariam como fixação para os estudos das futuras provas, memorizavam todas as questões e, como não passavam em casa na hora do almoço, perguntavam pelo telefone. E assim seguíamos respondendo às questões sem olhar nos cadernos, que por sinal se encontravam fechados em nossas mãos. Acredito que o caráter foi a maior riqueza da minha criação, a lealdade, a sinceridade, a verdade foram consideradas, sempre, fundamentais à nossa convivência.

Talvez pela confiança depositada em mim ou simplesmente pela responsabilidade e compromisso, sempre fui muito exigente comigo mesmo, como pessoa, filha, irmã, prima, amiga, aluna. Não admitia a fraqueza, o erro, o fracasso e, quando isso acontecia, que por sinal não era pouco, sofria muito. Às vezes, por coisas simples, por ter esquecido de pedir a minha mãe ou a meu pai para assinar uma prova, por exemplo, que era um “feedback” da escola de que os pais estavam cientes das entregas das notas, e se caso não levasse assinada, resultaria em um comentário por escrito, esse acontecimento era quase trágico pra mim, não aceitava comentários negativos em minha pasta de anotações.

Por muitos anos fui considerada uma das alunas destaque das turmas em que estudava, com boas notas, adorava participar das atividades e ou eventos promovidos pela escola.

A transição da infância para a adolescência com certeza é uma fase turbulenta para qualquer pessoa. Na minha vida, não seria diferente. Dos dez aos onze anos engordei vinte kg, e isso afetou, diretamente, no meu comportamento, na minha personalidade e nos meus relacionamentos. A vaidade já não era mais valorizada, pois não gostava de me arrumar. Usava roupas da minha mãe, de preferência as maiores possíveis. Fiquei cada vez mais introvertida, não saía de casa, não escutava música, me sentia feia. Enfim, não era feliz com a minha aparência.

Nunca fui a popular da escola, nem a mais inteligente ou a mais extrovertida, sequer a mais bonita. Ao contrário, era aquela garota gordinha, que usava óculos e aparelho, que não tinha o menor jeito com os esportes, calada, tímida, o que contribuiu para que não fosse uma pessoa de muitos amigos.

Esse período de introspecção teve seus benefícios. Amadureci muito, e me aproximei da leitura, passava horas lendo, apesar de ser católica praticante, os livros espíritas fisgaram a minha atenção.

Na escola, enfrentava algumas dificuldades. A matemática parecia ser uma barreira invencível, que só foi superada com a chegada do ensino médio.

Quando estava cursando a sétima série surgiu, a oportunidade de fazer um curso de língua estrangeira no Centro Integrado de Línguas de Ceilândia, CILC. O curso tinha a duração de seis anos, que, por sinal, se tornaram cada vez mais longos com o passar do tempo.

As condições financeiras da minha família melhoraram e meus pais deram início à faculdade. Minha mãe cursando Letras e meu pai Administração. E no horário livre revezavam entre os trabalhos/estudos da faculdade, algumas tarefas domésticas e nós.

Os anos foram passando e o ensino médio havia chegado, com alguns quilos a menos, a minha aparência não era mais a minha maior barreira. Ainda no Colégio Tiradentes, lá estava eu com a maior indecisão da minha vida, o que iria ser do meu futuro? O que iria fazer quando a escola acabasse? Essas dúvidas se tornavam mais constantes, pois não recebíamos muitas orientações na escola. A universidade Federal não era o foco principal.

Parecia ser contraditório, uma instituição particular que motivava seus alunos para que prosseguissem dentro das instituições privadas, promovendo passeios e visitas a faculdades particulares em Brasília.

Dúvidas ainda me cercavam quanto a minha escolha profissional, mas uma certeza eu tinha, queria ser professora. Foi durante o ensino médio que percebi uma verdadeira paixão pela Biologia. Duas professoras, Geórgia e Angélica, durante a minha trajetória

escolar, contribuíram para a afinidade com a disciplina. adorava a matéria, passava horas e horas estudando, minhas notas eram sempre as melhores da classe.

No final de 2007, concluí meu ensino médio. No primeiro semestre desse mesmo ano, meus pais também se formaram.

Em alguns dos passeios promovidos pelo Colégio, fomos até a Universidade Católica de Brasília – UCB. O objetivo era que compreendêssemos sua estrutura, conhecêssemos outros cursos, algo que clareasse nossa cabeça confusa. E durante essa visita tive contato com os laboratórios, experimentos, e então, a partir daí, tive a certeza de que queria cursar biologia na Católica, quando saísse da escola. Porém, não era nada fácil, os custos eram bem caros.

Nesse mesmo ano, 2007, devido a uma necessidade, minha mãe precisou fazer uma cirurgia facial para a correção do maxilar, que era muita invasiva, e até que chegassem os benefícios, o sofrimento seria grande. O processo de recuperação seria por volta de seis meses, os quais se tornariam mais longos, pois não era possível falar nem comer normalmente, mas minha mãe, muito guerreira e determinada, não se deixou desanimar e a enfrentou esbanjando coragem. Em meio a esse período de recuperação diante das melhoras já alcançadas, percebemos que minha mãe não era mais aquela mulher alegre, sorridente, estava chorosa, desanimada, buscando o isolamento, não queria se alimentar, mas não demos a devida importância.

Aquele comportamento diferenciado foi chamando nossa atenção, até que fomos surpreendidos por uma crise nervosa, a qual ela se desesperou pelo simples “*tic-tac*” do relógio. A situação estava realmente séria! E esse foi o estopim para uma longa, sofrida e vitoriosa jornada, em busca de médicos especialistas, psicólogos, terapeutas, remédios, hospitais, enfim, algo que pudesse trazer o equilíbrio, a saúde e a alegria de viver da minha mãe.

Para a melhora da minha mãe, os custos não foram poupados, meu pai chegava a gastar mil reais por semana, o que nos garantia absolutamente nada. Estávamos a princípio “enlouquecidos”, até porque tudo isso “desestruturou” a nossa família. Os papéis se encontravam invertidos, aquela que sempre foi responsável pelas principais tarefas daquela casa havia se tornado a bebê, que era monitorada 24 horas por dia.

Confesso que a doença da minha mãe contribuiu significativamente para o meu amadurecimento, para a união da nossa família. Além disso me ensinou a lidar com uma situação inusitada, a me tornar mais independente, enfim, trouxe muitos benefícios.

Chegando ao final deste mesmo ano, minha mãe já havia apresentando melhoras e ciente da nossa atual situação econômica, era inviável que eu pudesse cursar Biologia na

Universidade Católica, como gostaria. Em uma conversa com meus pais, foi sugerido que no ano seguinte, eu me matriculasse na FTB, Faculdade da Terra de Brasília, cursaria a princípio Biologia lá, e assim que as condições financeiras melhorassem seria transferida para a Católica. A princípio, confesso, fiquei triste, porque não era aquilo que queria, mas nunca fui de reclamar muito. Logo me conformei e feliz estava por já estar pulando para uma nova fase da minha vida.

O próximo ano, 2008, representaria pra mim um ano de novidades. Ingressei no ensino superior, comecei a lecionar, concluí meu curso de inglês. Foi um ano que me dediquei bastante, dividia meu tempo aos estudos da faculdade, estudava horas e horas, desempenhava alguns trabalhos de iniciação de pesquisa paralelos à faculdade, dentro do meu curso; fui convidada para ser monitora em uma escola particular próxima ao CILC.

Com a chegada de 2009, já com o curso de inglês completo, fui efetivada, como professora de inglês, em uma escola próxima a minha casa. Mas confesso que me senti um pouco desmotivada com a profissão, não pela função, porque tenho certeza de que nasci para dar aulas, mas, pela falta de oportunidades de estágio nessa área da biologia, pela desvalorização da classe, principalmente em instituições privadas.

Mesmo diante desse desânimo, não desisti. Continuei dando aulas, muito mais por amor à profissão, aos meus alunos, que pelo salário em si. Porém, descobri que a faculdade que estava estudando entraria em greve, e assim aconteceu. Esperei por um mês, e as aulas não voltaram, o que me causou uma tremenda revolta, pois meus pais estavam pagando e eu não estava estudando. Com as aulas suspensas devido à greve, optei por trancar a minha matrícula.

Até então, estudar na UnB não passava pela minha cabeça, era algo inatingível, não me achava capaz de ser aprovada em um vestibular tão concorrido. Enfim, não acomodada pela situação da greve e focada em me tornar uma futura professora da Secretaria de Educação do DF, resolvi me inscrever para o vestibular da UnB, mas para o curso de Pedagogia, pois, além da concorrência ser inferior, facilitaria o caminho para atingir meu objetivo da aprovação em um concurso público.

Depois de tomada essa decisões, minhas manhãs, antes na faculdade, passaram a ser inteiras aos estudos. Peguei emprestados alguns materiais e algumas apostilas, e assim, foi a minha preparação para o vestibular. Fiz os exames, e naquele dia 17 de julho de 2009 fui dona da melhor sensação que alguém pode sentir, havia sido aprovada no vestibular. Era um orgulho que não cabia em mim, a felicidade de ter sido capaz. Posso arriscar em dizer, que chega a ser algo indescritível.

No segundo semestre de 2009, iniciei o curso de Pedagogia no período vespertino. Admito que todo aquele orgulho e sentimento imensurável ficou um pouco ferido, quando cheguei à UnB, e me vi como a aluna mais velha da turma, estava entre adolescentes de 15-16 anos, mas não deixei que isso me desanimasse, até porque só eu sabia o tanto que tinha suado para estar ali, e toda essa vitória tinha sido mais do que merecida.

Ao ingressar na Universidade, titulei como meta me formar no prazo mínimo estipulado pela UnB, de 03 anos, orientada pelo Sr. Manoel do SAA, Setor de Atendimento ao aluno, da Faculdade de Educação. E após entregar o conteúdo programático de todas as disciplinas que já havia cursado, obtive alguns créditos por aproveitamento, o que me beneficiou no adiantamento do curso.

Ao longo dos semestres, continuei com o meu foco de acelerar a formação, não deixando de lado a qualidade do curso, mantendo sempre boas notas, me empenhando o máximo possível e tentando conciliar junto ao trabalho que desempenhava fora da faculdade. Trabalhei na escola por mais um ano e em 2010 resolvi pedir demissão, para que pudesse me dedicar mais tempo à Pedagogia.

Pensei por muitas vezes em desistir, não conseguia me encontrar no curso, achava que aquilo não tinha ligação alguma comigo. Aos poucos essa visão errônea foi se modificando, fui me identificando e realmente não estava enganada, ser professora fazia parte de mim.

Em 2011, fui chamada pela Defensoria Pública do Distrito Federal para trabalhar na Escola de Assistência Jurídica, trabalhando com cursos de qualificação e capacitação e alguns projetos educacionais.

O projeto final sempre foi algo que me tirou o sono, meu cérebro pegava fogo quando começava a imaginar uma temática a ser trabalhada, tentava abstrair das disciplinas já feitas algo que gostasse e chamasse a minha atenção, mas nada conseguia me deter de verdade. No penúltimo semestre, já estava certa que iria discutir sobre as práticas letradas fora do ambiente escolar, quando me matriculei na disciplina de FDA, Fundamentos do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Foi quando fiquei fascinada pela psicologia do desenvolvimento e, daí, começou a reviravolta e a corrida contra o tempo.

Chegada a reta final do curso de Pedagogia, decidi por pesquisar sobre a atuação do professor durante o processo de desenvolvimento cognitivo de uma criança em meio ao período de alfabetização.

INTRODUÇÃO

Estudar o desenvolvimento da criança é compreender as modificações físicas, cognitivas e psicossociais que as crianças vivenciam desde o momento em que são concebidos.

A teoria cognitiva desenvolvida por Piaget agregam duas importantes vertentes: a biologia e a filosofia. O estudioso acredita que o desenvolvimento cognitivo acontece a partir da adaptação da criança no ambiente em que vive, e sua sobrevivência se dá devido ao aprendizado que absorve sobre esse ambiente, o que torna a criança um indivíduo que busca conhecimento e entende o mundo que opera sobre ele.

Piaget defende que as modificações no pensamento da criança ocorrem em estágios. Cada etapa admite pensamentos restritos e envolvem capacidades cognitivas diferenciadas. De acordo com Griggs(2009), os estágios de Piaget do desenvolvimento cognitivo são:

- **Sensório-motor (do nascimento aos 2 anos):**
As crianças usam os sentidos e as capacidades motoras para aprender sobre o mundo e desenvolver a permanência do objeto.
- **Pré-operacional (dos 2 aos 6 anos):**
As crianças usam o pensamento simbólico para compreender o mundo mas continuam egocêntricas e não realizam as operações mentais que permitem o pensamento lógico.
- **Operacional concreto (dos 6 aos 12 anos):**
As crianças realizam operações concretas que permitem o pensamento lógico sobre eventos, compreendem a conservação e realizam operações matemáticas, mas não raciocinam abstratamente.
- **Operacional formal (dos 12 anos à idade adulta)**
O maior desenvolvimento das operações cognitivas permite que o adolescente pense abstratamente e raciocínio de modo hipotético dedutivo. (p.246)

Segundo Griggs (2009) Vigotski foi outro teórico que nos trouxe importantes contribuições aos estudos sobre o desenvolvimento das crianças. Lev Vigotski indica que nossas capacidades cognitivas são desenvolvidas pela interação existente entre as pessoas e são responsáveis por representar o conhecimento que é compartilhado sobre a cultura entre os indivíduos.

Griggs(2009, p. 256) aponta que, para Vigotski, “a zona de desenvolvimento proximal da criança é a diferença entre o que ela é capaz de fazer sozinha e o que poderia fazer com a ajuda dos outros.” Para esse mesmo teórico, é responsabilidade do professor a estruturação da aprendizagem da criança em etapas, pelas quais ela possa absorver o aprendizado de cada etapa. As crianças são encaminhadas e sustentadas pelo professor na direção do estágio superior a sua zona de desenvolvimento proximal.

O processo de desenvolvimento é o processo no qual o ser humano interioriza a cultura do grupo a que pertence, que vai determinar suas capacidades, nos mais diversos âmbitos, que são aperfeiçoadas a partir das aprendizagens específicas realizadas.

A pessoa que está em desenvolvimento passa por diversas etapas, compreender a completude desse processo é considerar cada etapa vencida e valorizar cada relação vivenciada, apreciando também os contextos e meios dos quais essas pessoas também não fazem parte, mas que influenciam e/ou interferem em suas experiências.

Dentro do ambiente escolar, a complexidade e as diversidades das atividades e a representatividade dessas para os alunos, a função que exercem e as expectativas que lhes são depositadas dentro das relações que estabelecem, tornam o papel do professor e do aluno determinantes à potencialidade educativa, decorrentes do processo de ensino-aprendizagem, em que promovem a aquisição de competências entre os alunos.

Para SALTINI (2008, p. 12)

educar seria, então, conduzir ou criar condições para que, na interação, na adaptação da criança de 0 aos 6 anos, fosse possível desenvolver as estruturas da inteligência necessárias ao estabelecimento de uma relação lógico-afetiva com o mundo

As práticas que permeiam a educação promovem o desenvolvimento individual, pessoal ou de algo, que existe de uma maneira objetiva, e nos direciona à reestruturação do conhecimento de que dispomos. Conforme a aprendizagem nos possibilita a significação referente a nós e ao mundo, de uma maneira cada vez mais regular e complexa, acaba sendo o combustível ao nosso desenvolvimento.

O comportamento assumido pelo sujeito do professor em sala de aula diante dos seus alunos está diretamente ligado ao resultado esperado deles, levando em consideração o que deve ser feito ou não, os interesses, capacidades e intenções que lhes são atribuídas. E não obstante, também se encontra mediatizado por aquilo que considera que os alunos esperam de sua conduta, e pela maneira como acredita que seus alunos o enxergam.

Saltini(2008, p. 69) diz que “o educador é aquele que acredita que o aluno tem uma capacidade de gerar ideias e colocá-las ao serviço de sua própria vida.”

Esse trabalho se divide em 3 (três) partes: Memorial, Monografia e a Perspectiva Profissional. A primeira parte, o Memorial, é um texto objetivo que descreve minha trajetória de vida desde o nascimento até os dias de hoje. A segunda parte é a Monografia, que traz o referencial teórico desta pesquisa, que está dividida em 5 (cinco) capítulos:

O primeiro capítulo é “O desenvolvimento cognitivo da criança” traz estudos no âmbito da Psicologia que envolvem o desenvolvimento cognitivo e social vivenciados por crianças.

O segundo capítulo é “A prática pedagógica do professor na alfabetização”, expondo a importância do papel do professor dentro de sala de aula e a repercussão de suas atitudes do desenvolvimento de seus alfabetizados.

O terceiro capítulo é “Do Letramento à Consciência Fonológica” retrata conceitos importantes na vida escolar dos alunos que estão enfrentando o processo de alfabetização, como por exemplo: letramento, alfabetização e o desenvolvimento da consciência fonológica.

O quarto capítulo é a Metodologia, onde os dados coletados durante a pesquisa são apresentados e analisados. Essa parte é concluída com as considerações finais, que são as observações que por alguma relevância serão apontadas e a exposição dos aprendizados conquistados com o trabalho realizado.

O quinto capítulo diz respeito às considerações finais, ela traz as conquistas alcançadas no decorrer da pesquisa.

Já a terceira parte do trabalho é a perspectiva profissional, na qual descrevi as minhas aspirações com a conclusão da graduação.

JUSTIFICATIVA

Desde pequena, tenho verdadeiro encantamento pela educação, por isso optei por me dedicar à Pedagogia. Ao ingressar na Universidade de Brasília demorei certo tempo para que me habituasse totalmente com o curso, mas logo percebi que estava no lugar certo. cursar a disciplina de Fundamentos do Desenvolvimento e da Aprendizagem, que pertence ao Departamento de Psicologia, estudar o Desenvolvimento Humano, além de fundamental a minha formação, foi algo apaixonante.

Para decifrar o desenvolvimento de uma criança é preciso compreendê-la em sua complexidade, valorizar as transformações vividas, sejam elas, físicas, cognitivas, sociais ou psicológicas, desde o momento de sua concepção.

Salvador (1999, p. 94) diz que devemos considerar “a educação como um fator modulador do processo de desenvolvimento, o qual pode facilitar ou dificultar as mudanças que comporta, fazendo com que surjam cedo ou tarde no tempo”.

Segundo Bortoni-Ricardo (2012, p.24) “O papel da escola está diretamente ligado ao papel do professor como mediador do processo de aquisição de uma cultura letrada pelos alunos, que vai desde sua alfabetização ao seu conhecimento de mundo”.

A atividade pedagógica tem como objetivo a transformação dos indivíduos durante o processo de absorção e apropriação de novos conhecimentos. Para favorecer esse desenvolvimento cabe ao professor organizar situações didáticas e “[...] orientar as ações apropriadas ao nível adequado do desenvolvimento do indivíduo, utilizando-se de suas ferramentas de mediação, para que se favoreça o desenvolvimento das funções psicológicas dos sujeitos” (MOURA, 2010,p.49).

Saltini (2008, p. 81) diz que “quando uma criança vai para uma escola não vai apenas para aprender, mas também para relacionar-se e para vivenciar o aprendizado como um todo e quem assim o percebe poderá então orientá-la rumo ao amanhã”.

A linguagem é aspecto fundamental no desenvolvimento social e individual dos homens, sendo instrumento utilizado no compartilhamento de representações, conceitos, técnicas que serão germinadas de geração em geração, o que nos garante a singularidade quando comparado aos outros animais.

Ao chegar à escola o indivíduo já faz uso competente da sua língua materna, e o ingresso na escola é justamente para aprimorá-la a partir de recursos comunicativos, sendo assim possível atender às exigências impostas socialmente.

Uma criança que ainda não é capaz de assimilar a relação, simplesmente simbólica, entre dois objetos, por exemplo, não conseguirá desenvolver a leitura. Lemle (1999,p.9) ainda diz que “[...] a criança que não leva em conta conscientemente essas percepções visuais finas não aprende a ler. [...]”.

Antecedendo a apropriação alfabética, deve ser de domínio das crianças uma escuta sensível, estabelecendo associações entre os sons das letras e os sons da fala.As chances de entender a completude do princípio alfabético serão proporcionadas a essas crianças, compreendendo as palavras, sílabas e fonemas.

Repensar a importância do papel do professor no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças que estão em período de alfabetização foi à questão que instigou o andamento dessa pesquisa.

QUESTÃO EXPLORATÓRIA

Que estratégias o professor emprega especificamente para auxiliar o desenvolvimento cognitivo na alfabetização?

OBJETIVOS

Geral:

Descrever e analisar as estratégias utilizadas pelo professor para auxiliar o desenvolvimento cognitivo do alfabetizando.

Específicos:

- Identificar as metodologias usadas pelo educador durante a alfabetização;
- Analisar como tem sido o trabalho realizado em sala para o desenvolvimento da consciência fonológica do alfabetizando;
- Compreender o processo de desenvolvimento cognitivo e psicológico de uma criança que está no processo de alfabetização (entre 6 e 7 anos);
- Observar a capacidade de adaptação no planejamento do professor aspirando resultados positivos no processo de alfabetização;
- Destacar a importância da interação professor-aluno e os benefícios dessa relação ao processo de desenvolvimento da criança no período de alfabetização.

ASSERÇÕES

Geral:

As estratégias, se conduzidas corretamente pelo professor, podem auxiliar no desenvolvimento da consciência fonológica e do princípio alfabético do alfabetizando.

Subasserções:

- O planejamento é algo fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois estabelece a relação entre a teoria e a prática e contribui para o melhor desempenho do professor em sala de aula;
- A seleção das metodologias que serão possivelmente eficazes à alfabetização é um dos fatores fundamentais ao desenvolvimento dos alunos.
- O professor que compreende o processo de desenvolvimento do aluno e consegue se adaptar a ele terá resultados positivos em sala de aula.
- O planejamento do professor deve ser maleável à mudança, se necessário.
- A boa interação entre professor e aluno traz resultados significativos ao desenvolvimento do aluno no processo de aprendizagem.

SEGUNDA PARTE

1. O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA

1.1 O Desenvolvimento

Com base em Houaiss (2009), conceitua-se aqui o vocábulo “desenvolver”, cujo significado é: fazer crescer ou crescer, tornar(-se) maior, mais forte, fazer aumentar ou aumentar a capacidade ou possibilidade de; fazer progredir.

Estudar o desenvolvimento significa compreender todas as mudanças biológicas, cognitivas e psicossociais que sofremos desde o momento da concepção até a morte. Segundo OGBU (1988, apud SALVADOR, 1999, p.85) “a descrição do desenvolvimento humano inclui a distinção entre dois tipos de mudanças que configuram conjuntamente o processo evolutivo: as *mudanças psicológicas* e as *mudanças culturais*”.

Acredita-se que o processo que envolve o desenvolvimento é composto por elementos e eventos que ocorrem internamente e por outros que se dão no ambiente externo, mas que são “absorvidos”, destacando nesses acontecimentos a importância dada à interação, seja ela com outras pessoas e/ou objetos.

Para Cole & Cole (2004, p.523), a sociabilização é um processo humano universal que tem sido sempre uma parte da experiência humana em todo lugar.

Para Vigotski (Cole & Cole (2004)) é a partir do convívio social, das interações, com as pessoas de seu meio que as crianças se apropriam dessas relações e das informações que são dadas com o uso da linguagem, que, aliás, é dos mais importantes nichos de desenvolvimentos, que estão envolvidos em um contexto social, sendo ela essencial para a evolução do pensamento e da ação.

E de acordo com Moura (2010, p. 16), [...] ao se apropriar da cultura e de tudo o que a espécie humana desenvolveu – e que está fixado nas formas de expressão cultural da sociedade – o homem se torna humano.

A linguagem é aspecto fundamental no desenvolvimento social e individual dos homens, sendo instrumento utilizado no compartilhamento de representações, conceitos, técnicas que serão germinadas de geração em geração, nos tornando únicos e nos diferenciando dos outros animais.

1.2 Psicologia do Desenvolvimento

Psicologia do desenvolvimento é o campo do conhecimento psicológico responsável por estudar cientificamente o desenvolvimento das estruturas biológicas, cognitivas, sociais e

da personalidade, analisando em especial, percepção, aprendizagem, memória, pensamento e inteligência, e as mudanças que ocorrem conforme nosso envelhecimento, ao longo de todo o período da vida.

1.2.1 Surgimento

Em meados do século XIX, a Revolução Industrial interferiu diretamente na organização social das pessoas, modificando também a concepção de criança no meio social e os ambientes nos quais ocorriam seu desenvolvimento.

Neste mesmo período o ensino se espalhou, já que a criação das escolas públicas, local em que se deveria supervisionar o desenvolvimento das crianças, se deu devido à necessidade de progredir no controle social, pois aquelas crianças que não desempenhavam nenhum trabalho eram vistas como um problema social.

O trabalho infantil e as condições de trabalho oferecidas nesse período despertaram a preocupação social, o que aumentou a atenção da sociedade e instigou a atividade científica. A princípio as pesquisas eram lideradas por psicólogos do desenvolvimento e médicos que coletavam dados, buscando esclarecimentos sobre questionamentos básicos quanto ao desenvolvimento humano e sobre como conduzir um estudo.

1.2.2 Os estudos da Psicologia do Desenvolvimento

Os psicólogos que estudam o desenvolvimento da criança têm como foco principal sua compreensão sistemática, sendo assim possível entender as sequências desenvolvimentais, de que modo e em que contextos estão inseridas.

De acordo com Cole & Cole (2004) o desenvolvimento humano pode ser dividido em níveis: microgenético, ontogenético e filogenético.

Os psicólogos fundamentam esse processo em três questões: continuidade, fontes do desenvolvimento e diferenças individuais.

➤ Continuidade:

Segundo Cole & Cole (2004, p.30), a questão da continuidade e da descontinuidade entre os homens e outras espécies é fundamental para a maneira como os psicólogos pensam sobre as leis que regem o desenvolvimento humano.

- **Continuidade – Filogênese**

Para alcançar uma melhor compreensão sobre a questão da continuidade ou descontinuidade que ocorre entre os humanos e outras espécies, é significativa a contribuição das pesquisas filogenéticas, que são responsáveis por estudar a história de evolução da(s) espécie(s) e investigar a singularidade humana, o que torna possível a comparação entre a espécie humana e as outras espécies, quanto aos aspectos genéticos e os comportamentais.

Apesar de as semelhanças genéticas e comportamentais com nossos “vizinhos evolutivos” serem muitas, nós somos muito diferentes, o que só é possível devido à cultura. Cole & Cole (2004, p. 30) diz que,

[...]O *Homo sapiens* desenvolve-se em um ambiente singular que foi moldado por inúmeras gerações anteriores de pessoas em sua luta pela sobrevivência. Esse ambiente especial consiste de artefatos, conhecimento sobre como construir e usar esses artefatos, crenças sobre o mundo e valores, e tudo o que guia as interações dos adultos com o mundo físico, um com o outro e com seus filhos. Os antropólogos chamam esse acúmulo de artefatos, conhecimento, crenças e valores, de cultura. Cultura é a parte do ambiente “feita pelo homem” que nos saúda no nascimento e o “padrão de vida” que adquirimos da nossa comunidade.

O homem é responsável por modelar e repassar a sua cultura de geração em geração, e utiliza de linguagem como principal ferramenta para essa transmissão, a que faz com que a linguagem e a cultura sejam características peculiares da nossa espécie.

- **Continuidade – Ontogênese**

A partir da diferenciação existente entre nós, humanos, e os animais, se fez necessário uma investigação e um estudo aprofundado sobre o desenvolvimento humano, a ontogênese, que é responsável por estudar o desenvolvimento do organismo durante seu tempo de vida, valorizando desde a fertilização do ovo até a fase adulta.

[...]os psicólogos que acreditam que a ontogenia é, antes de tudo, um processo de acumulação contínua e gradual de pequenas mudanças, enfatizam que a *mudança quantitativa* ocorre pelo aumento do vocabulário ou da capacidade de memória.[...] Os padrões qualitativamente novos que emergem durante o desenvolvimento são chamados de **estágios de desenvolvimento**. [...] (COLE & COLE, 2004, p.31)

Os estágios são considerados elementos fundamentais para compreender o desenvolvimento, caracterizado por modificações qualitativas, valorizando o modo pelo qual

criança experimenta e vivencia o mundo. As influências recebidas do mundo vão diferenciar o estágio atual para o próximo.

No aspecto da continuidade, o desenvolvimento é considerado como um processo de crescimento progressivo, gradual. Já no aspecto referente à descontinuidade, o desenvolvimento é visto como uma sequência de transformações que ocorrem através de estágios. Logo, o desenvolvimento humano inclui elementos de continuidade e de descontinuidade.

Quando se fala no processo de desenvolvimento humano, existem autores que consideram significativas as características descontínuas que envolvem esse processo, estabelecendo que o desenvolvimento do sujeito se dê de uma maneira desproporcional, através de evoluções, saltos qualitativos e quantitativos, não se tornando uma regra a ordem embrionária. Dentre os estudiosos, pode se destacar Vigotski.

Já outro grupo de estudiosos acredita que o desenvolvimento se origina por meio de períodos de continuidade, etapas de desenvolvimento específico, onde os avanços qualitativos e quantitativos atendem a uma ordem sequencial de desenvolvimento, como por exemplo, Piaget.

- **Epigenética: Períodos críticos e sensíveis**

A epigenética é responsável por estudar de uma maneira revolucionária o desenvolvimento humano, valorizando o plano de construção que segue o corpo humano.

Segundo Cole & Cole (2004) epigenoma, a totalidade dos marcadores genéticos, pode ser modificado com mais facilidade pelas influências externas que os genes, não sendo menos importante para o desenvolvimento do que o DNA.

Os sinais epigenéticos são transmitidos hereditariamente, ou seja, de pais para filhos por várias gerações, o que tem tornado a noção epigenética significativa aos estudos que envolvem o desenvolvimento no curso de vida.

Quando se trata de desenvolvimento humano, opta-se por falar em período sensível (que se utiliza da eficácia dos eventos ambientais, e em período ideal, para determinado desenvolvimento; ao contrário do período crítico que solicita eventos específicos, biológicos ou ambientais, para que se dê o desenvolvimento normal), pois caracteriza determinado período específico do desenvolvimento, que acarretará alguma modificação evolutiva. Segundo Cole & Cole (2004, p.35), os períodos sensíveis podem não se limitar a mudanças evolutivas que envolvem a prontidão biológica.

➤ **Fontes de desenvolvimento:**

Outro importante aspecto que intriga os psicólogos que estudam o desenvolvimento é a interação entre os fatores determinados biologicamente e os fatores ambientais, na busca de produção de resultados no desenvolvimento, promovendo um significativo debate entre: educação (influências social e cultural) e natureza (predisposição biológica transmitida hereditariamente).

Cole & Cole (2004, p. 35) diz que as crenças sobre as contribuições da natureza e da educação para o desenvolvimento podem ter efeitos de longo alcance sobre a maneira como a sociedade trata as crianças.

A herança genética predispõe um potencial de desenvolvimento do indivíduo, a sequência de modificações programadas dentro da carga genética promove a maturação, o que ocorre independentemente de prática ou treinamento.

É nas mudanças e transformações que são vivenciadas por nós, na interação com o outro, nas relações com o mundo, que o sujeito vai oportunizando o seu desenvolvimento.

➤ **Diferenças individuais**

Em relação as características individuais, Cole & Cole (2004, p. 36) consideram

[...] Todos os homens são parecidos porque todos nós somos membros da mesma espécie; todos os humanos são parecidos com algumas pessoas, mas não com outras, na medida em que compartilham importantes características biológicas[...] ou características culturais[...] e toda pessoa é psicológica e fisicamente única[...]

Na medida em que as características individuais são inatas e estáveis, elas proporcionam um vislumbre do que as crianças deverão ser no futuro. Determinar a extensão em que o passado proporciona um guia para o futuro é uma tarefa importante enfrentada pelos psicólogos do desenvolvimento.

A construção das rotas de desenvolvimento é feita pelo próprio sujeito, levando em conta a interferência exercida pelo ambiente e pela cultura (grupo social em que está incluso e herança genética), o que dará origem à singularidade do indivíduo.

A cultura é a principal responsável por atuar significativamente na modulação do processo de desenvolvimento dos indivíduos. A partir das práticas culturais é efetuada a estruturação e organização que vai dar suporte às possíveis ações dos indivíduos e as futuras aprendizagens que podem vir a acontecer. Segundo Salvador (1999, p.142)

o processo de desenvolvimento é o processo mediante o qual o ser humano faz sua, incorpora (e se incorpora) a cultura do grupo ao qual pertence, o que explica que as

suas capacidades, em todos os âmbitos, concretizam-se de forma estritamente vinculada às aprendizagens específicas que realizarão, às relações que construir e à imagem que, no decorrer das construções, pode compor-se a propósito de si mesma.

O desenvolvimento, a aprendizagem e a cultura estão conectados e a educação é o instrumento responsável por estabelecer essas relações.

1.3 O desenvolvimento do alfabetizando

A qualidade pela qual tem-se dado o desempenho intelectual das pequenas crianças instiga de modo diferenciado as questões básicas do desenvolvimento.

É de entendimento dos estudiosos que a memória dos pré-escolares é limitada devido à linguagem, que é reduzida, afetando diretamente a comunicação entre as crianças e outras pessoas.

Cole & Cole (2004) afirma que Piaget foi um dos principais teóricos na área da Psicologia do Desenvolvimento, sendo responsável por importantes contribuições aos estudos sobre o desenvolvimento humano, merecendo um maior destaque a infância, que se subdivide em:

- 1ª infância: transição de pensamento, que é baseado nos atos físicos;
- 2ª infância: manipulação de símbolos, ações internas (mentais), capacidade de usar a linguagem verbal.

1.3.1 Primeira infância (2 aos 6 anos)

De acordo com Cole & Cole (2004), o pensamento na primeira infância é basicamente sustentado por três características: egocentrismo; confusão entre aparências e realidade; e raciocínio pré-causal.

O egocentrismo significa concentrar em si mesmo, preso ao seu próprio ponto de vista; dificuldade em imaginar algo a partir da perspectiva de outra pessoa. Esse fator também aparece na fala: no monólogo, na compreensão; a dificuldade em aceitar/ compreender pensamentos diferenciados dos seus.

A confusão entre aparência e realidade consiste nas manifestações das limitações do pensamento. É a concentração nos aspectos mais visíveis. Existe a dificuldade de perceber e separar, determinando, entre o que as coisas parecem ser, e o que elas realmente são. Para que

a criança domine essa atitude de separar o real da aparência, é necessária o que ela seja instruída para isso.

Raciocínio pré-causal é a “arte do questionamento” praticado muito por nossas crianças, que sempre estão interessadas nas causas dos eventos.

Partindo do pressuposto da Teoria de Piaget, alguns testes e observações realizadas permitiram perceber que as habilidades e competências são desenvolvidas e trabalhadas de modo diferenciado, o que pode ocasionar uma variação no desempenho de uma criança para outra.

A linguagem é um dos mais importantes nichos do desenvolvimento, e está envolvida em um contexto social, sendo essencial para o desenvolvimento do pensamento e da ação.

Na maioria das vezes falamos que determinada ação/atitude é natural. É um equívoco, já que até as ações rotineiras mais simples (ex.: tomar banho, lavar louça, limpar casa) fazem parte de um roteiro, que é um esquema que especifica a ação, quem participa, a sequência de atos, os papéis sociais a serem desempenhados, objetos envolvidos. Quanto às crianças, elas constroem seu próprio roteiro, utilizam-se do conhecimento que possuem e organizam seu comportamento, já que para seguir minuciosamente um roteiro é preciso dominar conceitos e entender o agir da sociedade.

Para Cole & Cole (2004), os ambientes social e cultural desempenham também importante papel no desenvolvimento das crianças, selecionando e moldando suas ações em pequenas atividades cotidianas de participação monitorada, nessa interação. É possível relembrar o conceito defendido por Vigotski, de Zona de Desenvolvimento Proximal, transformando o que era potencial em real.

Na perspectiva de Piaget sobre o desenvolvimento, com o amadurecimento da criança, suas estruturas cognitivas são modificadas, e habilidades são aperfeiçoadas.

1.3.2 Segunda infância (6 aos 12 anos)

Cole & Cole (2004) diz que a segunda infância é caracterizada pela mudança do modo como a criança lida com o tempo, com o contexto em que está envolvido e o controle do comportamento, gerando diferentes e inovadores desafios no desenvolvimento de habilidade no âmbito cognitivo e social.

O tamanho, a agilidade e a força são aspectos que interferem no desempenho de atividades. A altura, além dos fatores genéticos, também é influenciada pela nutrição e a saúde.

Conforme estudos realizados, Cole & Cole (2004) afirma que, com o passar do tempo, a criança apresenta progressos no desenvolvimento motor, habilidades físicas, queas tornam mais fortes, ágeis e equilibradas, destacando a atenção para a diferença presente entre o sexo masculino e feminino, tanto no aspecto físico, que muitas vezes é imposto culturalmente, com a imagem do representante do sexo masculino sendo mais forte que a representante do sexo feminino.

O crescimento, o desenvolvimento e a maturação não se restringem aos aspectos físicos, ocorrem mesmo no cérebro, tornando, na segunda infância, o pensamento bidirecional (duas coisas ao mesmo tempo na mente, promovendo uma coordenação entre essas ações, causando uma unidade no pensamento, tornando mais organizado e flexível).

Nesse período as crianças desenvolvem também a competência do planejamento, o que as torna, além de mais organizadas, seguros em suas ações, norteadas por algum objetivo específico, exigindo a concentração e o autocontrole para que o mesmo seja alcançado.

1.4 Desenvolvimento durante a alfabetização

O fator sociabilização consiste no processo pelo qual se adquire o conhecimento, as habilidades, as crenças, e a educação é uma maneira de sociabilizar, que garante aos jovens a absorção de conhecimento e habilidades especializadas. Logo, a escola torna-se o espaço de aprendizado, troca, enfim, rede de conhecimento. Segundo Ferreiro (1999, p.27):

O ensino tradicional obrigou as crianças a reaprender a produzir os sons da fala, pensando que, se eles não são adequadamente diferenciáveis, não é possível escrever num sistema alfabético. Mas, esta premissa baseia-se em duas suposições, ambas falsas: que uma criança de seis anos não sabe distinguir os fonemas do seu idioma, e que a escrita alfabética é uma transcrição fonética do idioma.

Existe uma grande diferença em ser alfabetizado (saber ler e escrever) e ser letrado (viver a situação de quem sabe ler). Ou seja, a pessoa se torna alfabetizada quando aprende e faz uso da leitura e da escrita, e se torna letrada quando envolve a leitura e a escrita nas práticas sociais da leitura e da escrita.

Em suas reflexões sobre a alfabetização, Ferreiro (2001, p.18) diz que,

As primeiras escritas infantis aparecem, do ponto de vista gráfico, como linhas onduladas ou quebradas (zigzagues), contínuas ou fragmentadas, ou então como uma série de elementos discretos repetidos (séries de linhas verticais, ou de bolinhas). A aparência gráfica não é garantia de escrita, a menos que se conheçam as condições de produção.

A escrita é objeto da cultura, e, ainda mais, é o resultado do esforço coletivo da humanidade, e não é apenas um produto do trabalho desenvolvido pela escola.

Ao chegar à escola o indivíduo já faz uso competente da sua língua materna, e o ingresso na escola é justamente para aprimorá-la a partir de recursos comunicativos, sendo assim possível atender às exigências impostas socialmente. Bortoni-Ricardo (2004, p.75) afirma que “os usos da língua são práticas sociais e muitas delas são extremamente especializadas, isto é, exigem vocabulário específico e formações sintáticas que estão abonadas nas gramáticas normativas”.

Acerca da língua materna, a escola tem a função de originar circunstâncias para fortalecer a competência comunicativa nos educandos, fornecendo-lhes recursos comunicativos de que necessitarem, para que sejam bons representantes nos meios sociais que interagem. Ferreiro (2001, p.60) declara que,

O papel do professor durante a aprendizagem é importante e insubstituível, no entanto, este não deveria ser o de dar inicialmente todas as chaves secretas do sistema alfabético, mas sim o de criar condições para que a criança as descubra por si mesma. E para ser eficaz terá que adaptar seu ponto de vista ao da criança.

A escola desempenha um papel de significativa importância, pois vai atuar no aperfeiçoamento da competência comunicativa dos alunos, fazendo com que cumpram de maneira satisfatória e segura as diversas atividades linguísticas.

2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO

2.1 A educação

Segundo Saltini(2008, p.12) “se o homem fosse privado da educação, permaneceria em estado totalmente primitivo. Educar seria levar um ser humano do estado primitivo à forma atualizada de civilização e cultura.”

É papel fundamental da Educação favorecer todos indivíduos com a habilidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. De posse dessa habilidade, eles estarão fortalecidos e prontos a contribuir para com o progresso da sociedade da qual fazem parte.

Salvador (1999, p.94) diz que devemos considerar “a educação como um fator modulador do processo de desenvolvimento, o qual pode facilitar ou dificultar as mudanças que comporta, fazendo com que surjam cedo ou tarde no tempo.”

Está no âmbito da educação a transmissão do saber e do saber-fazer relacionados à evolução, atuando como instrumento de orientação diante do desconhecido.

Seria de extrema necessidade que a educação se organizasse, basicamente, em quatro importantes aprendizagens que de certa maneira cercarão o indivíduo na construção do conhecimento por toda a vida. De acordo com Delors (1998, p.90), os quatro pilares do conhecimento são:

“[...] **aprender a conhecer**, isto é adquirir os instrumentos de compreensão; **aprender a fazer**, para poder agir sobre o meio envolvente; **aprender a viver juntos**, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente **aprender a ser**, via essencial que integra os três precedentes[...].”

Contudo, na maior parte dos casos, a educação se orienta, basicamente, em aprender a conhecer e/ ou aprender a fazer. Segundo Delors (1998, p.97)

a educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomarem consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta.

A escola é o espaço de transmissão formal e planejado do saber sistematizado e elaborado, do conhecimento científico, filosófico e artístico.

Segundo Cruz (1986, apud Salvador, 2000, p. 219)

[...] pode-se definir o ensino como o processo por meio do qual se instauram nos alunos as condutas descritas pelos que planejam o currículo. Essa definição remarca, por um lado, que há uma especificação das respostas que o aluno deverá proporcionar em termos de respostas observáveis e, por tudo, a ideia de controle que

o ambiente exerce diante dessas repostas por meio dos mesmos princípios explicativos de qualquer outra aprendizagem.

2.2 O professor

Além de formar crianças para determinada sociedade, é da educação a importante finalidade de ter como papel fundamental promover em nós, seres humanos, a liberdade de pensar, questionar, sentir e imaginar tudo o que necessitamos para desenvolver nossos talentos e continuar nos mantendo firmes na administração do nosso próprio destino.

A atividade pedagógica tem como objetivo a transformação dos indivíduos durante o processo de absorção e apropriação de novos conhecimentos. Para favorecer esse desenvolvimento cabe ao professor organizar situações didáticas e “[...] orientar as ações apropriadas ao nível adequado do desenvolvimento do indivíduo, utilizando-se de suas ferramentas de mediação, para que se favoreça o desenvolvimento das funções psicológicas dos sujeitos.” (MOURA, 2010,p.49)

O processo educativo só resulta em desenvolvimento psicológico, quando põe o sujeito em atividade. De acordo com Moura (2010, p. 31)

[...] o educando é sujeito de sua educação, participa ativamente do seu processo de aprendizagem e só pode aprender como co-produtor dessa atividade, ou seja, para que a aprendizagem aconteça, o estudante deve estar em atividade.

Os alunos estarão todos transbordando coragem e sentirão motivados e preparados a não deixar escapar, aproveitando todas as ocasiões de aprendizado que lhes vão ser oferecidas ao longo do tempo, e assim o farão. De tal modo, que confiança, credibilidade e responsabilidade são depositadas sobre os professores, pois, para este desejo se tornar realidade a cobrança sobre eles se sobrecarregará.

A contribuição dos educadores é de extrema importância na preparação dos jovens, não somente para enfrentar o futuro com confiança, mas para atuar em sua construção com determinação e responsabilidade.

O trabalho do professor não se restringe à transferência de informações e/ ou conhecimentos, mas sua problematização. Durante o processo de apresentação de informações é indispensável sua contextualização e uma ligação entre a solução encontrada e outros questionamentos mais abrangentes.

2.2.1 O professor e a pedagogia

A Pedagogia tem uma relação que almeja o total desenvolvimento da personalidade no aluno quanto a sua autonomia, e é a partir daí que se torna possível que o domínio que está nas mãos dos professores assuma um caráter paradoxal, não no que diz respeito à afirmação de poder, mas no reconhecimento da legalidade do saber e/ ou conhecimento.

O professor tem função de mediar os processos construtivos dos alunos e os conteúdos culturais sobre os quais o desenvolvimento está inserido. Quanto ao aluno, é dependente da intervenção do educador, o que vai determinar a progressão/ regressão. Essa influência do professor promove o desenvolvimento quando consegue atingir o aluno atuando na zona de desenvolvimento proximal, fazendo com que ocorra a transformação da zona de desenvolvimento potencial em desenvolvimento real. (VIGOTSKI, apud SALVADOR,2000, p. 260)

Cury (2007, p. 7), afirma que

O melhor educador não é o que controla, mas o que liberta. Não é o que aponta os erros, mas o que os previne. Não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir. Não é o que enxerga o que é tangível aos olhos, mas o que vê o invisível. Não é o que desiste facilmente, mas o que estimula sempre a começar de novo.

Cada vez mais se torna necessário que o ensino aja diretamente na construção da capacidade de percepção e compreensão das responsabilidades assumidas. Com o passar do tempo, as sociedades modernas almejam que os alunos sejam capacitados para poder prever e adaptar-se às mudanças que possam surgir, absorvendo dessas situações o aprendizado durante toda a vida.

As experiências vivenciadas junto ao trabalho desenvolvido e o diálogo existente entre o professor e o aluno contribuem para o fortalecimento do senso crítico do estudante.

Saltini(2008, p.22) diz que “a relação que o aluno estabelece com o professor é fundamental, enquanto elemento energizante do conhecimento.” O vínculo/ relacionamento do aluno com seu professor nada mais é que uma extensão dos vínculos familiares.Toda troca envolve um trabalho de reciprocidade, e na educação não seria diferente. Durante o processo de ensino-aprendizagem nos deparamos com uma “negociação” mútua de conhecimento e experiência; o professor ao mesmo tempo que ensina não deixa de aprender.

2.2.2 O ato de ensinar

O ensino norteia suas ações acerca de um objetivo principal: desenvolver a inteligência dos indivíduos envolvidos. Essa inteligência tem como funções essenciais a estruturação, a compreensão e invenção do real.

A educação é um meio de interação social que garante a conquista do conhecimento e o desenvolvimento de diferentes habilidades. É justamente, nos mecanismos utilizados e nos caminhos percorridos que se esconde o verdadeiro aprendizado.

O ensino recebe olhar diferenciado devido a quatro fatores principais: (COLE & COLE, 2004, p. 524)

1. **Motivação:** o período é longo até que os alunos desenvolvam e aperfeiçoem suas habilidades. Logo é sugerido que a rotina não faça parte da rotina escolar.
2. **Relações sociais:** é papel do professor é atuar na construção/formação de seus alunos. A família é outro importante pilar a esses individuais que estão em desenvolvimento.
3. **Organização social:** a disposição dos alunos; as relações estabelecidas; os vínculos firmados e a valorização das conquistas e aprendizados adquiridos.
4. **Meio de ensino:** o aprendizado é movido por uma sequência de acontecimentos: o planejamento, a ação e a avaliação. Desde então, se torna necessário o domínio dessas categorias que integram esse processo como elementos fundamentais para que haja um melhor aproveitamento da aprendizagem.

Todos os aspectos transformam o ensino em algo diferenciado, interferindo no desenvolvimento das crianças.

Para Moura (2010, p. 31) “É responsabilidade do professor organizar situações didáticas que favoreçam o desenvolvimento.”

A capacidade do educador de prever e delinear diante situações educativas é chamada de planejamento, e para que isso aconteça é preciso dominar conhecimentos da dinâmica, dos processos de ensino e aprendizagem, da disciplina e dos conteúdos que leciona e do contexto em que esse ensino ocorre.

As crenças ou ideias pedagógicas dos professores também são inseridas ao planejamento, e ao atuar como um filtro, absorvem e interpretam as informações (presentes e/ou ausentes), compreendendo todo o curso e os resultados obtidos no determinado ensino.

Saltini(2008, p.52) diz que “educar significa ajudar a encontrar no próprio ser, o ímpeto, a saudade, a vontade de agir, buscar e descobrir, de crescer e de progredir.”

Educar vai muito além do que transmitir informações e conhecimentos; é aprender; é ir à luta; é desejar, absorver e transpor a verdade; é se sentir radiante e sair contagiando e envolver todos com sua luz; é enxergar que a vida é repleta de oportunidade e que somente por via dela podemos doar e receber amor, é aprender que ao mesmo tempo em que queremos vivê-la, se for preciso doar, assim o faremos.

Segundo MOURA (2010, p.32)

O educando sai do processo diferente do que entrou, sai indivíduo educado. E essa transformação não permanece apenas no ato de ensinar/ aprender, [...] no processo de aprendizagem, o indivíduo apropriou-se de um conhecimento que nele estará incorporado.

2.3 Ingresso na escola

A ida da criança à escola não se restringe à alfabetização ou ao ato de aprender, mas abrange todo o convívio, valoriza as relações e vínculos firmados, vivenciando o verdadeiro e completo aprendizado, o que provavelmente acarretará em significativas orientações no futuro.

SALTINI (2008, p.81) afirma que

o professor (educador) obviamente precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

As práticas educativas detêm em suas mãos uma função ímpar no desenvolvimento humano, por consequência a educação deve ser vista como explicação fundamental no que diz respeito ao processo de mudanças psicológicas vivenciadas pelas pessoas.

SALVADOR (1999, p.97) conclui que

a experiência social e as práticas educativas possam influenciar não somente no momento em que surge certa capacidade, mas também na concretização dos âmbitos ou do domínio de resolução de problemas em que se poderiam obter tais capacidades.

Os primeiros contatos estabelecidos com a escola, com o (a) professor (a) e com o grupo de alunos é singular e constante, e é justamente nesta aproximação afetiva, que se dá à interação com os objetos, logo a efetiva construção do conhecimento.

Saltini(2008, p.100) ainda destaca que “a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.”

No meio escolar o papel do professor é exclusivo e distinto do de seus alunos. O educador deve arranjar e preparar o “mundinho” pelo qual as crianças se interessam e se deixam envolver.

É imprescindível que o professor explore todo o ambiente (sala de aula, pátio). Porém, para que isso aconteça é preciso que o professor seja curioso, pesquisador, inquieto, incentivando as crianças busquem a verdade, e não simplesmente funcionarem como depósitos de conteúdo.

Cole & Cole (2004) aponta que Piaget já defendia a ideia de que o professor deve ser responsável por dar o estopim à pesquisa, promover a conscientização dos problemas, e não a imposição de verdades, pois algo que é “colocado” não pode ser considerado como verdade, além de limitar as crianças ao descobrir ou recuperar as soluções sozinhas.

SALVADOR (1999, p.144) realça que

As práticas educativas, portanto, transformam-se no ponto básico entre a cultura e os processos de aprendizagem e de desenvolvimento: mediante determinadas atividades e práticas educativas, as culturas ajudam os indivíduos a captar novas aprendizagens específicas e, com essas, a ter acesso a certas capacidades e competências psicológicas. Graças a isso, a educação fica configurada como um peça-chave no processo de desenvolvimento pessoal (não é, na verdade, um fator decisivo); sem a sua intervenção, o desenvolvimento e o crescimento humano, tal como os conhecemos, não seriam possíveis.

É importante que o educador trabalhe em seus alunos o estímulo a desvendar e criar sem ensinar ou destinar juízos já formados. O professor deve estar alerta às aquisições, e descoberta das crianças, alimentando sempre essas conquistas. Os questionamentos que surgirem no dia-a-dia devem ser iguais ou mais valorizados do que as próprias respostas destes alunos. Não se pode esquecer que as respostas, citadas anteriormente, devem ser encontradas no próprio grupo, a partir de uma sistematização e coordenação das ideias acessíveis.

De acordo com SALTINI (2008, p.100)

A relação que se estabelece com o grupo como um todo e a pessoal com cada criança é diferenciada em todos os seus aspectos qualitativos e cognitivos respeitando – se a maturidade de seu pensamento e a individualidade.

Cada aluno pertence a um diferente nível/ estágio de desenvolvimento, o que corresponde a um determinado ritmo, que deve ser respeitado, seguindo um tempo particular, sem tentar antecipar ou pular fases, a não ser em alguns casos que resultam em falhas

exorbitadas para ele. Assim sendo, é preciso evidenciar e focar não só no trabalho coletivo, mas considerando as crianças uma a uma.

2.4 Didática para alfabetizar

Diante da importância do papel desempenhado pelo professor em sala de aula, ele deve valorizar as raízes culturais e psicológicas do aluno, fazendo com que a particularidade no modo de falar não se torne a razão de conflitos em sala de aula, tornando o aluno mais maleável em adquirir estilos monitorados.

O educador assume um papel fundamental no meio escolar, estabelecendo um diálogo com o analfabeto, concretizando situações gerando meios pelos quais o indivíduo possa se alfabetizar.

Visando a uma ação pedagógica que favoreça a aprendizagem do aluno, o professor deve valorizar dois aspectos durante esse processo, o que Bortoni-Ricardo (2004) denomina de identificação da diferença (ter a habilidade de identificar as regras do português dentro da fala de seus alunos) e a conscientização da diferença (alerta o aluno quanto à existência de diferenças; só assim, a partir daí será, possível que este aluno monitore seu próprio estilo).

Acerca da língua materna, a escola tem a função de originar circunstâncias para fortalecer a competência comunicativa nos educandos, para que usufruam de recursos comunicativos que necessitam, para que sejam bons representantes nos meios sociais que interagem.

Carvalho (2007, p.16) diz que “Alfabetizar é difícil, pois os ritmos de aprendizagem variam, as experiências anteriores dos alunos com a leitura e a escrita também.”

Alfabetizar é ir além de adquirir o domínio mecânico de técnicas para conduzir o ato da escrita e da leitura. Freire (1972, p.72) afirma que alfabetização é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. E comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Para Spiegel (2009, p.11)

[...] todo o decorrer da vida do educando está alicerçado neste processo em que ele desenvolve suas habilidades de leitura e escrita, como no favorecimento pela investigação na busca pela aquisição de novos saberes, novas descobertas, aprendendo a aprender dentro de uma sociedade que demanda uma cultura letrada.

Spiegel(2009, p. 13) ainda aponta uma preocupante dificuldade enfrentada pelos educadores, o chamado problema metodológico, ou seja, a seleção do material didática a ser

utilizado durante o processo de alfabetização, e diz que “[...] métodos, procedimentos e material didático devem estar articulados para o ato de se ensinar a ler e a escrever, não desconsiderando a formação do educador.” Logo, o período de alfabetizar não se dá apenas por parte do aluno, mas principalmente pelo saber-fazer do professor que faz a mediação nesta alfabetização. Segundo Vigotski (1988, apud SPIEGEL, 2009, p.18)

A mediação do professor como possuidor de um saber de fato para com o seu grupo de educandos, é importante para que a aprendizagem se efetive, compreendendo que é no processo ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e, conseqüentemente, o desenvolvimento pelos quais os processos psicológicos mais complexos começam a se formar.

Os professores cometem um gravíssimo erro quando direcionam seu foco àquelas crianças que já avançaram sozinhas na trajetória da alfabetização, supervalorizando os que já são capazes de compartilhar alguns de nossos conhecimentos, e deixando de lado os que não atingiram tão alto nível de aprendizagem, ou se encontram em níveis abaixo do desejado, os condenam ao fracasso.

FERREIRO (2001, p.69) afirma que

não é fácil encontrar educadores e investigadores capazes de interpretar todas as sutilezas envolvidas nas produções escritas que precedem qualquer tentativa de estabelecer uma correspondência entre letras e sons.

O professor alfabetizador é considerado um ator essencial no processo de aquisição da leitura do aluno, sendo responsável por desenvolver o estímulo necessário a aprendizagem, mediando nas crianças os primeiros contatos com as práticas de leitura e escrita. Cabe também ao professor promover a aproximação entre as diversas linguagens existentes em nosso meio, que são responsáveis por desenvolver o espaço cultural e facilitar a compreensão e intervenção na realidade.

Grossi (1990, p.74) aponta como “[...] proposta didática um conjunto de atividades cuja validade se mede por sua eficácia em produzir conhecimentos por parte da população a que se destina.” Esse conjunto de atividades é o produto de uma verdadeira rede de inter-relações entre elementos que sustentam a sua elaboração. Entre esses elementos estão a visão e a posição política adotada, o embasamento psicológico que circunda a aprendizagem e o significado do contexto didático-pedagógico dentro do campo conceitual de conhecimentos.

Carvalho (2007) propõe que o educador aceite o papel e a função que lhe é predestinada, a de guia conhecedor, que é responsável pela escolha do método a ser utilizado. No procedimento de escolha do método, a autora sugere que o professor fique atento e repense alguns quesitos:

- [...] - Qual é a concepção de leitura e de leitor que sustenta o método? Estão combinados os objetivos de alfabetizar e letrar, isto é, a preocupação em ensinar o código alfabético é tão presente quanto o objetivo de desenvolver a compreensão da leitura? São previstas maneiras de sistematizar os conhecimentos sobre as relações entre letras e sons? Há interesse em motivar os aprendizes para gostar de ler?
 - A fundamentação teórica do método é conhecida e faz sentido?
 - As etapas ou procedimentos de aplicação são coerentes com os fundamentos do método? O material didático é acessível, simples e de baixo custo?
 - Há evidências de que o método foi experimentado com êxito em um número significativo de turmas, em contextos escolares diferentes?
 - O que dizem professores e pesquisadores sobre a aplicação e os resultados? [...]
- (p.19)

Conforme a mesma autora, caso sejam atingidas respostas positivas e satisfatórias, existe uma vasta possibilidade de que o método selecionado, trabalhado de forma correta, alcançará resultados favoráveis à aprendizagem dos alunos. Porém, encontrar a resposta ideal a essas perguntas que se refletirão na prática da docência não é algo tão comum, pois encontram-se déficits dentro das Faculdades de Educação e das licenciaturas.

Grossi (1990, p.75) indica que “uma proposta didática é muito mais do que uma receita”. É necessária sua reestruturação à medida que vai sendo aplicada, relacionando princípios práticos às experimentações e fundamentações teóricas que as respaldem.

A metodologia deixou de ser a questão crucial da alfabetização e todos os holofotes se posicionaram em direção ao sujeito a ser alfabetizado, sustentando-se ou não sobre o construtivismo. Tomar conhecimento dos princípios teórico-metodológicos que envolvem a alfabetização é algo a que não podemos renunciar. Infelizmente não dispomos da receita perfeita, na realidade, está sequer foi inventada. Grande parte dos professores experientes é capaz de trilhar seu próprio caminho e a partir de um método tradicional, é possível adaptar, criar recursos e inovar as práticas pedagógicas, pois nos planejamentos haverá sempre um espaço reservado à invenção, a inovação e a criatividade, pois a construção do conhecimento não está apenas nas mãos das crianças.

3 DO LETRAMENTO À CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Existe certa divergência entre saber ler e escrever, ser um indivíduo alfabetizado, e estar ou vivenciar a situação/condição de quem domina a leitura e a escrita, ser letrado. Sendo assim, quem aprendeu a ler e a escrever, passando a ser alfabetizado, e que estabelece relação fazendo uso da leitura e da escrita dentro de determinadas práticas sociais, também é considerado letrado. A pessoa que não sabe ler e escrever é chamada de analfabeto. Já aqueles que sabem ler e escrever, mas não exercem essa prática delecto-escritura, são consideradas pessoas alfabetizadas, porém não são letradas, pois não vivem o estado das pessoas que leem e escrevem nem praticam a leitura e a escrita.

3.1 Primeiros contatos com as práticas de letramento

As crianças, ao serem introduzidas na realidade escolar, trazem, de suas comunidades, em sua bagagem sociocultural, algum conhecimento quanto aos usos e funções correspondentes à escrita, como por exemplo, como se folhear um livro/revista, logomarcas, produtos, rótulos e até reconhecimento de textos.

Ao entrar na escola, as crianças são apresentadas a um diferente e novo modo de construir significados a partir do reconhecimento das palavras, letras, valorizando suas formas e sons que são representados em um determinado contexto linguístico.

Segundo Freire (1987, apud Spiegel, 2009), a criança precisa, primeiro, ler o mundo, para depois ler as palavras. Subentende-se dessa forma que o letramento é responsável por anteceder a fase de escolarização, pois a criança, quando inicia sua vida escolar, já tem a leitura do mundo ao seu redor, reconhecendo coisas e objetos.

Em muitos casos as crianças são julgadas e comparadas umas às outras, pelo modo de falar, pela relação estabelecida com a escrita, pelo grau de escolarização dos pais ou pela constância de práticas letradas dentro do ambiente familiar. Há de fato essa diferença, porém a escola tem o poder de modificar essa situação, através de suas práticas, a partir do interesse e inquietação que se tem com a alfabetização de cada indivíduo, e com as oportunidades que podem ser originadas, tornando o ambiente de convívio da criança um lugar rico em informações escritas e imagéticas e instigantes ao ato de ler.

A escrita e os desenhos foram os meios encontrados para registrarmos a nossa presença no planeta. Barbato(2004, p.34) destaca que,

Nos exemplos que temos em sítios arqueológicos em que há desenhos, podemos notar que os grupos humanos utilizavam o desenho sozinho ou em série para produzir significados relacionados aos seus contextos de vida específicos, incluindo rituais e formas de pensamento mágico e o que parece sequências simples de ações.

Surgindo na Antiguidade e com o objetivo de auxiliar em alguns problemas de memória, a escrita aparecia em situações nas quais informações práticas deveriam ser guardadas. Com o passar do tempo foi assumindo distintas utilidades. Ao atingir diferentes usos e funções dentro do nosso dia-a-dia, “[...] tornou-se múltipla e complexa [...]”, conforme assegura (BARBATO, 2004, p.38). Segundo a mesma autora, o desenvolvimento da escrita atingiu a todos e nos influenciou em três aspectos principais: a) a possibilidade de expandir o uso da memória; b) comunicação estabelecida a distância; c) instrumento que designava poder.

Somente em 1789, no período posterior à Revolução Francesa, que fomos contemplados com o começo da democratização da escola e o limitado acesso à escrita. O tempo foi passando e, surpreendidos por tecnologias inovadoras, a leitura e a escrita passaram a ser atividades corriqueiras das comunidades, que inseriam, vagarosamente, as parcelas desfavorecidas da sociedade. Atualmente, o alcance da leitura e da escrita é direito de todos e deve ser garantido pelo Estado.

3.1.1 O letramento

Letramento é uma palavra nova, e por isso só recentemente passou a integrar os dicionários. A definição apresentada por Kleiman(2008, p.18) corresponde ao “conjunto de práticas que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.”

Dentro do âmbito acadêmico, o conceito de letramento teve o pontapé inicial com o objetivo de distinguir as pesquisas realizadas a partir do impacto da escrita na sociedade dos estudos que envolvem a alfabetização, onde o referencial escolar é permeada pelas competências individuais. De acordo com Kleiman(2008, p.16)

Eximem-se dessas conotações os sentidos que Paulo Freire atribui à alfabetização, os quais a veem como capaz de levar o analfabeto a organizar reflexivamente seu pensamento, a desenvolver sua consciência crítica, capaz de introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e de libertação (FREIRE, 1980).

Soares (2003, p.32) aponta que “uma pessoa letrada é uma pessoa erudita versada em letras (letras significando literatura, línguas).” Essa mesma autora definiu letramento como [...] resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que

adquire um grupo social ou um individual como consequência de ter-se apropriado da escrita. [...] (Soares, 1998, p.18, apud Carvalho, 2007, p.65)

Soares(2003) declara ainda que o letramento acarreta efeitos aos indivíduos/grupos que se apoderam da escrita, tornando instrumento fundamental para a expressão e comunicação, durante sua vida.

Em geral, o desenvolvimento inicial da língua escrita da criança ou do seu processo de letramento depende de alguns fatores: grau de letramento das instituições sociais, família, escola, enfim, os ambientes de convívio das crianças, em que estão presentes as práticas de leitura e escrita, independente do seu grau de intensidade.

A participação da criança nas práticas de leitura e/ou na escrita, mesmo que na oralidade, influenciadas pelo grau de letramento da família, vai permitir o desenvolvimento da relação com a escrita.

Segundo Kleiman(2008, p.70) “é no “fazer-de-conta que lê” e no “fazer-de-conta que escreve” que o objeto e as práticas escritas são recortados e ganham (ou não) sentido para a criança.” (p.70) É nas brincadeiras de ler com e para a criança, desenhar e escrever, que vai ser descoberta a relevância da escrita dentro daquela subcultura letrada.

A mediação do professor é algo fundamental para que a criança possa adquirir a leitura e a escrita. O uso de materiais adequados, a sistematização do ensino e as ligações feitas entre os conhecimentos que estão sendo absorvidos com aqueles já adquiridos também serão indispensáveis durante o processo de ensino e aprendizagem para ler e escrever.

Barbato(2004) menciona que, para Luria e Vigotski, o processo de ensino e aprendizagem está diretamente vinculado à qualidade da mediação proposta aos alunos, na qual ocorre o desenvolvimento da escrita a partir do desenho, que simboliza o que não está presente e auxilia diretamente na memorização, ou seja, quando se torna necessário anotar algo para não ser esquecido. Conforme Barbato(2004, p.28)

O importante é que as crianças sintam que têm o apoio do professor, aprendam a colocar suas dúvidas e hipóteses. Quanto ao material, a escrita, assim como o desenho, tem um papel de simbolização, isto é, quando desenhamos ou escrevemos substituímos o que está ausente por um desenho, por traços, letras, palavras e por textos escritos.

A leitura vai ser a responsável por estimular reconhecimentos e promover a composição de significados, já a escrita vai despertar a reflexão da língua, em sua complexidade, não deixando de destacar as características que envolvem o ato de escrever e instaurar associações entre as letras(som e pronúncia).

3.1.2 Alfabetização

Carvalho (2007, p.65) declara que “alfabetizar é ensinar o código alfabético, letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita.”

Ao entrelaçar os conceitos de alfabetização e letramento, nos é permitido enquanto professores uma melhor reflexão sobre o desenvolvimento e aprendizagem da leitura e da escrita.

Tfouni (1997, p. 22, apud Barbato 2004) enfatiza que

[...] a alfabetização como o processo de aquisição da escrita como habilidade por parte de indivíduos e que ocorre durante toda a vida, ou seja, na medida em que as pessoas vão tendo mais experiências de leitura e escrita, mais alfabetizadas se tornam. Enquanto o letramento diz respeito, sobretudo, aos processos sócio-históricos de aquisição da escrita e a relação entre sociedades ágrafas e letradas.

Soares (2003, p.22, apud Barbato2004) ao tratar do conceito de letramento, o compreende como prática social, mas tende a restringi-lo à comunidade alfabetizada. Assim, ser letrado é ser alfabetizado (saber ler e escrever) e praticar a leitura e a escrita de acordo com as demandas sociais.Segundo GONDIM (2007, p.27)

A alfabetização é um processo complexo, com aspectos psicológicos, psicolinguísticos, sociolinguísticos e linguísticos, econômicos, culturais, “com características sociais e políticas que condicionam a aprendizagem na escola” com a necessidade de uma postura política que resgate seu verdadeiro significado.

Ao longo da trajetória escolar, o período essencial é a alfabetização. Para Ferreira (2001, p.9) “a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” ou de “prontidão” da criança.”

Nenhum falante faz uso equivocado de sua língua materna, considerando o papel social que representa e desempenha, porém esse uso pode variar e depender de fatores dispostos nos “três contínuos”, conceito criado por Bortoni-Ricardo (2004). Bortoni-Ricardo(2004) ressalta que, para facilitar o entendimento da variação do português brasileiro, é preciso considerar três linhas imaginárias, denominadas por: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística.

Quanto às regras fonológicas que caracterizam o português falado no Brasil, podemos citar os contínuos de oralidade-letramento, de urbanização (se contrapõem a escrita e a cultura de oralidade) e o de monitoração estilística (abrange desde as interações espontâneas até as planejadas; os fatores que nos exigem uma monitoração são: o ambiente, o interlocutor e o tópico de conversa).

Bortoni-Ricardo (2004, p. 62) traz que o contínuo de oralidade-letramento é usado para situar os falantes de com acordo com seus antecedentes e seus atributos, e aponta que “[...] os eventos de comunicação, conforme sejam eventos mediados pela língua escrita, chamaremos de *eventos de letramento*, ou *eventos de oralidade*, em que não há influência direta da língua escrita.” Quanta ao contínuo de urbanização é possível observar que em “[...] um dos pólos estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam a maior influência dos processos de padronização da língua [...]” (p. 52). E por fim para o contínuo de monitoração estilística, a autora sugere que estão englobados nesta linha “[...] as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante.” (p. 62)

Para exercer a fala, o indivíduo põe em prática a competência comunicativa (o saber do que falar e como falar). A escola desempenha um papel de significativa importância, pois vai atuar no aperfeiçoamento dessa competência dos alunos, os fazendo cumprir, de maneira satisfatória e segura, as diversas atividades linguísticas.

Qualquer ação social humana deve respeitar normas, o que determina se o comportamento é socialmente aceito ou não. Com a língua não seria diferente. Dessas normas decorre a correção gramatical.

O indivíduo já faz uso competente da sua língua materna, e o ingresso na escola é justamente para aprimorá-la a partir de recursos comunicativos, sendo assim possível atender às exigências impostas socialmente.

Em uma perspectiva tradicional, a alfabetização corresponde ao ato de ensinar e aprender a ler e a escrever. Os aspectos que circundam a alfabetização são múltiplos e ressoam em problemas metodológicos e na seleção do material didático a ser utilizado, pois esses fatores devem estar relacionados e focados ao ato de ensinar a ler e a escrever.

Conforme Barbato (2004, p.32) a criança quando inicia sua jornada leitora

[...]tem de lidar com inúmeras informações novas e temos de reconhecer que, em certos momentos, parece que sua memória fica sobrecarregada, com as informações que conhece do texto e a tentativa de reconhecer a palavra, sílaba ou letra, então é hora de intervirmos e auxiliá-la, deixando-a ler alto, murmurar as palavras e conduzindo suas descobertas, por meio de perguntas ou mesmo oferecendo a ela um retorno escrito que possa comparar, se for o caso.

A mesma autora propõe que alfabetizar é ir além do reconhecimento de letras, sons, sílabas e palavras, é inferir ideias, retirar significados e atingir a compreensão. A constituição dos significados se dá a partir da leitura, sendo ocasionada pela fonologia, ortografia ou

semântica, pois cada evento exercido pelo leitor é acompanhado de algum significado. CARVALHO (2007, p.15) diz que

Diferentes teorias de aprendizagem se propõem a explicar como a criança aprende – por associação (estímulo-resposta), pela ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento (construtivismo), pela interação do aprendiz com o objeto do conhecimento intermediado por outros sujeitos (sociointeracionismo). Essas teorias, que assumiram a dianteira na formação de professores em diferentes momentos históricos, embasam (ou condenam) certos métodos e técnicas de alfabetização. Mas nem sempre explicam por que alguns alunos aprendem rapidamente e outros não.

Todos, alfabetizando e alfabetizadores, desejam desenvolver uma leitura fluente e, para que isso se torne realidade, Barbato(2004) apresenta duas poderosas vertentes de se trabalhar com as palavras: aquela com a palavra inteira e aquela que denominamos de decodificação ortográfico-fonológica. Essa autora ainda afirma que

Quando o professor utiliza alternadamente os métodos, as estratégias, trabalhando a partir de temáticas, de um planejamento que inclua o trabalho com textos e prática de cultura, ou seja, trabalha as unidades menores da língua a partir de textos, o alfabetizando adquire outras habilidades e domínio da cultura letrada que dizem respeito à construção e compreensão de unidades maiores, tanto na leitura como na escrita. Na leitura, a criança começa a construir uma noção de função dos diversos textos. Na escrita, tenta sempre construir unidades significativas mais extensas.(p.30)

3.2 Desenvolvendo a consciência fonológica

Em relação à aprendizagem da ortografia, Cagliari (apud, GONDIM, 2007, p. 44-45)

(...) o aluno aprende a ler, depois a escrever e somente então passa a se preocupar com a ortografia. No início, escreve a partir das hipóteses que tem sobre a ortografia. Nessa fase, costumam aparecer as formas mais estranhas de escrita quando comparadas com forma ortográfica estabelecida. Porém, essa prática permite que o aluno passe da habilidade que tem como falante nativo, de produzir textos orais, para a habilidade de produtor de textos escritos. No começo será uma simples transferência do oral para o escrito. Aos poucos, no entanto, as regras do estilo escrito começam a marcar a presença.

A princípio, a consciência fonológica trabalhada nos alfabetizando é a reflexão da conexão entre a oralidade e a escrita, que mediados pelo educador vão alcançar a complexidade alfabética. O professor auxiliará na compreensão das diversas possibilidades da língua escrita, que transcendem as regularidades, sendo possível encontrar mais de uma unidade sonora para cada letra. Como afirma Gondim (2007, p.45)

O professor alfabetizador é o que mais enfrenta problemas linguísticos de uma só vez. Através dessa formação, ao compreenderem e refletirem sobre a língua podem tornar-se seguros em sua prática pedagógica. “E na medida em que aprenderem a respeitar seus educandos, ajudarão a promover um grande número de pessoas que até agora são atiradas à marginalidade.” (LEMLE, 2004, p.6)

Para uma pessoa tornar-se um leitor competente, ou seja, aprender a ler e escrever, se fazem necessários alguns saberes específicos que devem ser conduzidos de forma consciente.

Para Lemle(1999, p.7) “a primeira coisa que a criança precisa saber é o que representam aqueles risquinhos pretos em uma página branca. Para entender que os risquinhos pretos no papel são símbolos de sons da fala, é necessário compreender o que é um símbolo.”

Uma criança que ainda não é capaz de assimilar a relação simplesmente simbólica, entre dois objetos, por exemplo, não conseguirá desenvolver a leitura. Lemle(1999, p.9) ainda diz que “[...] a criança que não leva em conta conscientemente essas percepções visuais finas não aprende a ler. [...]”.

Nosso alfabeto é composto por letras, e essas possuem grandes semelhanças, logo a capacidade de diferenciá-las nos exige um manejo especial. Lemle(1999, p.9) afirma que “[...] só será capaz de escrever aquele que tiver a capacidade de perceber as unidades sucessivas de sons da fala utilizadas para enunciar as palavras e de distingui-las conscientemente uma das outras.”

A autora menciona que a criança deve ter consciência e uma percepção aguçada, de reconhecer as partes que compõem a fala, estando atenta às diversidades de sons correspondentes a cada letra. Lemle(1999, p.9-10) apresenta três capacidades importantes para que possam ser estabelecidas ligações entre os sons da fala e as letras do alfabeto.

A primeira é a capacidade de compreender a ligação simbólica entre letras e sons da fala. A segunda é a capacidade de enxergar as distinções entre as letras. A terceira é a capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala, com suas distinções relevantes na língua.

Conforme Feldman e colaboradores (1987, apud Sacaloski, 2000, p.48) “a criança apresenta-se pronta para a aquisição do código gráfico por volta dos seis anos, pois nessa idade já atingiu a maturidade neurológica, linguística, perceptual e de estruturação lógica necessária para essa tarefa.”

No aspecto linguístico, esta maturidade neurológica, deve acontecer na mudança língua/ linguagem, que pode ser reconhecida no ato de narrar fatos, de separar objetos categoricamente e alcançar a solução de problemas, todos esses exercícios feitos oralmente. Sacaloski(2000, p.48) diz que

Pela percepção, a criança será capaz de diferenciar os estímulos auditivos e visuais envolvidos na leitura e escrita e fazer a associação som-letra (fonema- grafema). O esquema corporal é um aspecto básico para a aquisição de linguagem, portanto está diretamente relacionado à capacidade de representação, ao conteúdo para a escrita, ao “o que escrever.

De acordo com Brasil (2003, apud Bortoni-Ricardo (orgs) *et al.*, 2012, p.27) consciência fonológica é a “habilidade de prestar atenção aos sons da fala como entidades diferentes de seu sentido. A habilidade de reconhecer aliteração e rimas e a habilidade de contar sílabas nas palavras são indicadores de consciência fonológica.” Existem oportunidades de se representar o grau de consciência fonológica do alfabetizando através de indicadores, como por exemplo, a habilidade de identificar o número de sílabas presentes nas palavras e de reconhecer particularidades sonoras. Segundo BARBATO (2004, p.26)

Quando a criança aprende a ler as palavras, as letras e os fonemas que representam, seu pensar é transformado, vai se tornando mais autônoma ao longo dos anos, passando, também, a considerar parecido ou similar o que percepção auditiva reconhece como distinto ou vice-versa.

Antecedendo a apropriação alfabética, deve ser de domínio das crianças uma escuta sensível, estabelecendo associações entre os sons das letras e os sons da fala. As chances de entender a completude do princípio alfabético serão proporcionadas a essas crianças, compreendendo as palavras, sílabas e fonemas.

A consciência fonológica, processo que envolve a percepção do esqueleto sonoro das palavras ou das partes que as constituem, é um tema de grande significância à alfabetização, uma vez que alfabetizados que discernem e compreendem os fonemas apresentam resultados satisfatórios no processo de aquisição da escrita. HEINIG & AZEVEDO (2010) dizem que

o desenvolvimento da consciência fonológica é uma condição necessária na aprendizagem da leitura e da escrita, independentemente do método usado na alfabetização, embora sejam métodos fônicos os que mais se valem do conceito de consciência fonológica. Simplificando podemos dizer que a consciência fonológica é o entendimento de que cada palavra, ou partes da palavra, são constituídas de um ou mais fonemas.

As partículas sonoras presentes na fala que equivalem às letras do sistema alfabético da escrita são denominados de fonemas. A consciência da formação desses pequenos sons é chamada de “consciência fonêmica”. Para Barbato (2004, p.30)

A consciência fonológica permite que a criança manipule as partes internas das palavras, mas há quem defenda, e estudos que corroboram com essa visão, que este tipo de habilidade praticada sem contextualização, sem a intervenção do trabalho com o texto, pode, com o tempo, contribuir para o empobrecimento da prática de

leitura da criança. Ela pode apresentar, também, dificuldade para ativar as memórias lexicais, adivinhar a palavra a partir de informações das primeiras letras ou conjunto de letras e do contexto linguístico e, geral, ao lidar com o texto. As crianças podem ter dificuldades de “juntar as sílabas”, quando ao professor insiste em trabalhar apenas o fônico, sem alternar as estratégias de ensino.

O processo que permeia a leitura e a escrita é complexo, e exige atividades que de maneira lúdica e envolvida a realidade vivenciada, consigam trabalhar nas crianças a consciência fonológica, possibilitando a ligação entre a alfabetização e o letramento, dentro da prática de alfabetizar-letrando, a partir da identificação das partes sonoras da língua escrita. Os exercícios de oralidade devem auxiliar os alunos na conquista e no desenvolvimento da competência comunicativa, nos âmbitos oral e escrito.

4. METODOLOGIA

Este trabalho está caracterizado por uma abordagem de pesquisa qualitativa e com o enfoque etnográfico, descrito por Bortoni-Ricardo (2008, p.49) como “[...] o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia-a-dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que deles participam.”

Uma pesquisa com enfoque etnográfico pode ser comparada aos relatos das experiências de nossa vida, o que nos exige enorme reflexão; a habilidade, a perspicácia e clareza são essenciais, permitindo expressar em palavras, acontecimentos, comportamentos, processos sociais e contextos com vivências e experiências dos sujeitos (OLIVEIRA, 2005).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com enfoque etnográfico, como já foi citado acima, com o objetivo de analisar as estratégias utilizadas pelo professor para auxiliar o desenvolvimento cognitivo do alfabetizando no processo de aquisição da consciência fonológica. Para isso acompanhei por 03 (três) meses uma turma de alfabetização, 1º ano do Ensino Fundamental, que aconteceu em uma escola na rede pública de ensino, na Ceilândia, região administrativa do Distrito Federal.

A escolha da escola, Escola Classe 21 de Ceilândia, se deu devido à proximidade de minha residência, e a indicação de outra professora conhecida da família, que havia trabalhado por muitos anos no local, o que facilitou o acesso à escola.

As visitas aconteciam nas terças, quintas e sextas feiras, no período vespertino, pois eram os dias livres que havia em minha grade curricular.

Optei por acompanhar somente uma turma de alfabetização, assim seria possível verificar o progresso daqueles alunos, os resultados das observações seriam mais proveitosos, e não me prenderia a ficar comparando metodologias didáticas utilizadas por diferentes professores.

Acompanhei a professora A., que não hesitou em momento algum em ceder suas aulas para as observações, propondo se a dar todo o auxílio que precisasse ao meu projeto final de curso. A educadora era responsável pela turma C de 1º ano do Ensino Fundamental; ela é formada há 20 (vinte) anos e tem experiência de 14 (quatorze) anos em turmas de alfabetização.

Foi necessário ir à escola algumas vezes, antes de ingressar em sala de aula para começar a coletar dados para a minha pesquisa. Na primeira vez, ao chegar à escola, procurei a orientadora, me apresentei, expliquei, de modo geral, o meu projeto e o objetivo geral da minha pesquisa. Daí fui encaminhada à supervisora escolar, pois esta é a responsável por

organizar a entrada e saída de estagiárias (os) em sala de aula. E então ela pediu para que levasse uma cópia impressa do meu projeto de pesquisa. No encontro seguinte, levei o projeto junto à minha grade de horários do semestre, pois, desta forma, realçaria a limitação dos horários e a urgência do início da pesquisa. Por fim, ficou acordado que na outra semana daria início às observações. Fui então apresentada à professora que me auxiliaria nesse processo.

No dia 14 de Fevereiro de 2012, fui introduzida em sala de aula. A professora fez uma breve apresentação aos alunos, que contabilizam o total de 25 (vinte e cinco) crianças, saudei-os rapidamente, e optei por sentar ao fundo, visto que não chamaria tanta atenção dos alunos e teria uma visão plena da sala de aula.

Admito que fiquei encantada quando entrei naquela sala. As cores, a organização, o silêncio, a concentração das crianças me chamaram muito a atenção e permaneci por vários minutos analisando cada detalhe daquele espaço de ensinar e aprender.

A organização de um ambiente alfabetizador e letrador, com certeza, é algo que gera certo impacto a todos que lá chegam. A porta, janela, cadeira, material escolar, parede, enfim, cada objeto está etiquetado, para que os alunos os identifiquem. Os murais estão cobertos pelo alfabeto e pelos números. Segundo Grossi (1990, p.86, v.I)

Sendo as letras os elementos básicos da escrita, o aluno precisa se familiarizar o mais amplamente com elas. Além do seu aparecimento na escrita de palavras e textos, costumamos enriquecer o ambiente da sala de aula com muitos alfabetos feitos de diversos materiais.

4.1 Apresentação dos dados

Foram vários dias de observação da rotina escolar dos alunos do 1º ano, turma C, da Escola Classe 21 de Ceilândia. Após a apresentação descontraída feita pela professora, os alunos não estranharam o fato de ter uma pessoa desconhecida observando-os em sala de aula.

4.1.1 A chamada

Da apreciação feita à estética daquela sala, teve algo que sobressaiu diante os outros aspectos analisados. A chamada para verificar a frequência dos alunos era feita de modo diferenciado, visto que a professora tinha adaptado o tradicional diário de classe a uma gigante lista fixada na parede, pela qual todos os alunos acompanhavam a chamada. Todos os

alunos tinham seus nomes na lista escritos em letra legível, com a primeira letra em destaque, na cor vermelha, e as demais na cor preta.

Com o passar do tempo, os alunos começaram a associar os objetos etiquetados em sala de aula com as primeiras letras dos nomes dos colegas de sala.

Aluna(o) 1: - *Tia, tia olha aqui! (apontando para etiqueta que denominava a janela)*

A professora olhou, e respondeu: - *Sim! O que foi?*

Aluna (o) 1: - *É o “J” da Júlia!* (risos)

Grossi (1990, p.55) aponta que “Letras podem estar associadas a palavras inteiras, portanto representam um ente global, por exemplo, quando eles se referem à “minha letra”, isto é, a letra do seu nome.”

4.1.2 O caldeirão da mistura

Grossi (1990, p.79) ainda diz que “crianças pré-silábicas não podem iniciar seu processo de alfabetização pelos métodos convencionais, os quais foram organizados para alunos já alfabetizados”. Atenta às disparidades no que diz respeito ao conhecimento das letras, à alfabetização e à escrita, a professora reestruturou sua proposta didático-pedagógica a ser trabalhada em sala de aula.

Em uma das aulas observadas, a professora chegou com um imenso caldeirão e colocou à frente da turma. Junto a ela tinha alguns recipientes e em cima da mesa de cada aluno, havia um pratinho plástico e todos ficaram curiosos para saber qual seria a atividade. Várias perguntas foram lançadas à professora, que sorria, o que instigava cada vez mais os alunos. Foi quando resolveu dar início a uma historinha que trazia na mão, o que na verdade se parecia mais com uma receita, pois foi solicitado que adicionassem àquele caldeirão vários ingredientes. Os recipientes eram pretos e o caldeirão era de barro, logo os alunos não conseguiam ver o que estava dentro do mesmo. Após terminar a leitura, mexeu bastante o conteúdo e prosseguiu com a distribuição nos pratinhos de cada aluno.

Ao terminar a divisão de todo o “mexido” para a turma, eles ficaram sem entender, porque em cada prato tinham duas letras e dois números.

Aluna (o) 2: *Oxi, professora! Isso não é comida não!?*

Aluna (o) 3: *Eca! Eu é que não como isso! Ainda bem que minha mãe colocou lanche pra mim.*

Aluna (o) 4: *Professor, a gente não podemos comer letrinhas e nem números, a gente só come*

comida.

A professora deixou que eles falassem muito, questionassem bastante, e não se pronunciou. Depois de um tempo todos silenciaram, e então ela lhes perguntou o que estavam dentro daqueles pratos e se eles conheciam aquelas “coisinhas”. Alguns se manifestaram e ela seguiu com a explicação do reconhecimento das letras e dos números, diferenciando os, e foi utilizando os objetos e artefatos estéticos da sala de aula para exemplificá-los.

4.1.3 O alfabeto

No início do ano a professora sugeriu que cada aluno comprasse um alfabeto de E.V.A. Na aula seguinte da atividade do caldeirão de letras e números, os alunos se assustaram quando chegaram à sala e notaram que sobre cada mesa havia um aglomerado de letras.

Como assegura Grossi (1990, p.54), “[...] os métodos convencionais que começam com palavras escritas ou mesmo com letras isoladas não fazem nenhum sentido. Os alunos são incapazes de compreender o que está sendo proposto.”

A professora foi explicando que, para escrevermos palavras, textos, histórias, utilizamos as letras, as quais se organizam em um sistema, o alfabeto, que é constituído por vogais e consoantes.

Separando a letra “A”, pediu para que os alunos as pegassem no meio de todas aquelas letras. Quem conseguisse deveria ficar com a mão levantada segurando a letra, pois dessa forma a professora teria como auxiliar aqueles que ainda não conseguiram encontrar.

Depois que todos já haviam encontrado a letra solicitada, a professora a apresentou à turma.

Professora: - *Todos com a letra “a” nas mãos?!*

Alunos: - *Simm!*

Professora: - *Gente, essa é a letra “A”. É uma vogal, e é uma das letras que fazem parte do alfabeto.*

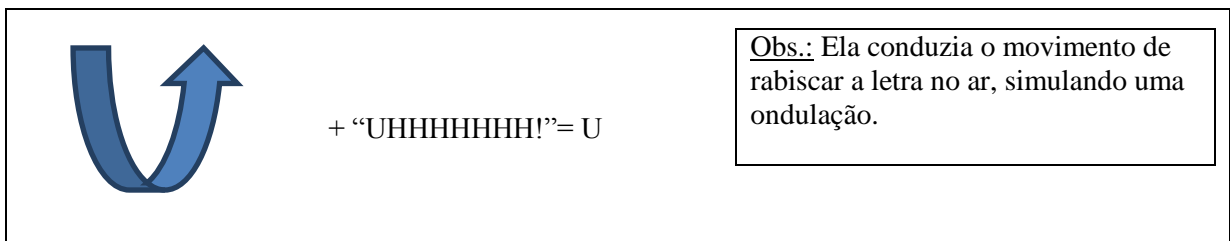
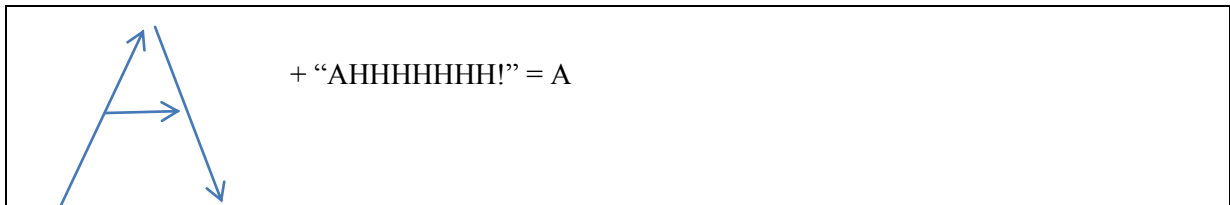
- Cada letra tem um som! Reparem no movimento que a sua boca faz, e o som que sai dela quando você fala “Ahhhh” !

E pediu para que os alunos repetissem aquele som por alguns momentos.

Essa mesma atividade aconteceu na apresentação das demais vogais (E, I, O, U), tendo sido seguida por atividade que pudesse fixar a escrita destas.

4.1.4 Rabiscando no ar

Quando ensinava aos alunos que cada letra tinha seu respectivo som, para facilitar a memorização e fixar a grafia desse novo signo, a professora associava o som com o sinal gráfico produzido por cada letra.



Obs.: Ela conduzia o movimento de rabiscar a letra no ar, simulando uma ondulação.

4.1.5 Trabalhando com embalagens

Conhecendo as vogais, a professora sugeriu aos alunos que trouxessem de casa embalagens, jornais, receitas, revistas que fossem comuns a sua rotina.

Com os materiais em mãos, a professora pediu que os alunos recortassem todas as palavras que se iniciassem com as vogais. Após recortar, os alunos receberam um pequeno livrinho, que tinha cinco páginas, cada uma identificada por uma vogal, na qual os alunos deveriam distribuir as palavras que iniciassem com as vogais em destaque.

Aluna (o) 5: - Tia, já acabei!

Aluna (o) 6, Ao verificar a atividade da (o) colega: - Ô! Você fez errado, presta atenção na vogal, essa palavra começa com “o”, olha o som, olha a boca como fica (fazendo o movimento bucal que

corresponde ao som). *Esqueceu foi? A tia falou que a boca fica parecendo um ovo!*
 Aluna (o) 5: - *Ah! É verdade! Colei errado. Pera aí tia, num acabei ainda não.*

4.1.6 Nome dos alunos

A professora começou com um intenso trabalho até que ensinasse todas as letras do alfabeto, em especial as consoantes. Usou e abusou do alfabeto em E.V. A., dos objetos de sala de aula que estão identificados, mas o que perseverou em muitas atividades foi o próprio nome dos alunos, didática que é ratificada por Grossi (1990, p.83) “Elas distinguem as letras primeiramente na qualidade de iniciais de nomes de pessoas ou de palavras que lhes são muito significativas. Entre essas palavras figura normalmente o seu próprio nome”.

Além da chamada, que como já foi citado, acontecia no mural da sala, e conforme foram conhecendo todas as letras do alfabeto, cada aluno tinha sobre a sua mesa uma ficha, a ficha de identificação, na qual constava o nome do indivíduo, seguindo a linha de destaque da primeira letra, o que proporcionava muitas associações do nome de um colega com determinado objeto, ou palavra utilizada em alguma atividade.

A professora dividiu os alunos em turma e, em uma atividade de relacionar a imagem com a letra, gerou certo atrito entre uma dupla na classe.

Aluna (o) 6: *Colega, você ligou errado! Esse aqui é ali.*

Aluna (o) 7: *Errado nada! Tá tudo muito certinho!*

Aluna (o) 6: *Olha aqui, o que isso? (apontando para a imagem de uma igreja, e que a outra colega havia ligado em direção da letra “E”). Isso é uma igreja! Começa com a letra “i”, é a letra do nome do Iago, olha ali na mesa dele.*

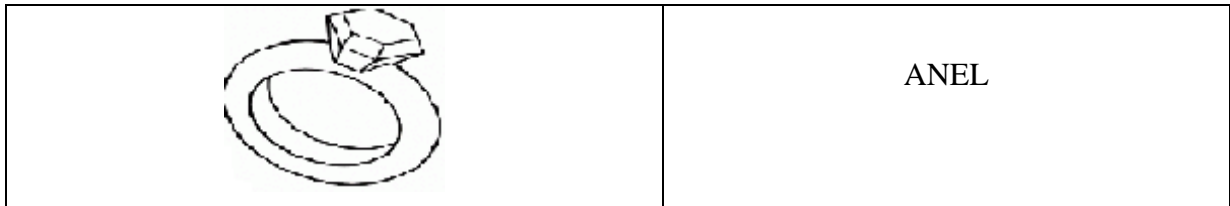
Aluna (o) 7: (permaneceu calado, até que reconheceu o equívoco cometido) *É mesmo! É a letra do nome da Iasmim também né!?*

Grossi (1990, p.83) Argumenta também que “Associar letras e nomes que lhes são significativos constitui o caminho inicial para o reconhecimento, tanto morfológico como sonoro, das letras.”

4.1.7 Montando um dicionário de bolso

A professora sempre procurou fixar as letras aprendidas junto aos alunos. Em uma das aulas observadas, a professora apresentou aos alunos o dicionário, explicou a importância desse livro e sugeriu que cada aluno fizesse um dicionário.

A professora distribuiu uma folha que continha várias palavras, de A a Z, dispostas ao lado de sua respectiva imagem. Por exemplo:



Grossi (1990, p.85) reconhece que “a associação entre objetos e seus nomes é atividade rica para a alfabetização”.

Distribuiu também um bloco de folhas, no qual cada página estava identificada por uma letra do alfabeto.

O comando era para que os alunos colorissem as imagens, circulasse de vermelho a primeira letra de cada palavra, o que auxiliaria na distribuição em ordem alfabética.

Um dos (as) alunos (as) acabou dispersando a atenção e cortou, dividindo a imagem da palavra. E então, pediu para que a professora o auxiliasse no término da atividade.

Aluna (o) 8: *Tiaaa! Me ajuda aqui!*

Professora: *Mas o que você fez? Não era pra ter recortado! Mas, vamos lá...*

A professora começou por pegar a imagem, e perguntava o que era? O (a) aluno (a) respondia. A professora perguntava qual era a primeira letra, o aluno respondia, e a partir daí, buscava a palavra, e em seguida poderia colar a imagem junto à palavra.

Em um determinado momento a professora pegou a imagem de uma escova de dente, e perguntou: - E essa figura aqui? O que é?

Aluna (o) 8: É uma escova de dente.

Professora: E começa com qual letra?

Aluna (o) 8: Com a letra “i”.

Professora: “i”? Como é o som da letra “i”?

Aluna (o) 8: (quando questionada, a aluna produziu o som junto ao sinal gráfico feito no ar, ensinado pela professora, e percebeu a confusão feita) *Ixe, Professora! Misturei foi tudo. Desculpa aí! A letra escova de dente é “e”.*

4.1.8 Dançando com as letras e formando palavras

Em uma das últimas visitas que fui à escola, a professora realizou uma atividade que me chamou muito a atenção, era a atividade para formar palavras utilizando somente as vogais.

Entregou aos alunos o alfabeto em E.V.A. e pediu para que separassem do amontoado de letras as vogais: A, E, I, O, U.

Durante a caça das vogais, a professora repetiu por várias vezes as vogais a serem encontradas.

No meio da atividade, um (a) aluno (a) se manifestou com 4 (quatro) das 5 (cinco) vogais e com a letra “K” nas mãos, afirmando que:

Aluna (o) 9: *Pronto tia! Cabe! Mas, essa daqui é vogal também né!?* (levantando a letra “K”)

Professora: *Não! Esta é uma consoante!* (e direcionou a pergunta a toda turma) *Gente quais são as vogais mesmo?*

Todos os alunos: *A, E, I, O, U!*

Depois de encontradas as vogais, a professora pediu que os alunos guardassem todas as consoantes. E pouco a pouco a professora demandava que selecionassem algumas das vogais para que dessa forma pudessem construir palavras.

Formando as palavras: Ela pegava as letras, ficava “dançando” com elas na mão e falando pausadamente, depois de fixar a pronúncia e o reconhecimento das vogais, ela contextualizava a expressão, forçando a participação oral dos alunos.

A + I= AI
 O + I= OI
 A + U= AU
 E + I= EI
 U+ I= UI
 U+ A+ I= UAI

A professora estabeleceu ligações das expressões construídas com acontecimentos rotineiros dos alunos.

Professora: - *Ontem quando o Caio caiu no recreio ele chegou aqui na sala falando o quê?*

Todos os alunos: - *Ai, ai!*

Professora: - *E quando você encontra alguém na rua, como você cumprimenta essa pessoa?*

Todos os alunos: - *Oi!*

Professora: - *Quando você precisa chamar alguém, mas não lembra seu nome, o que você fala?*

Todos os alunos: - *Ei, psiu!*

(E desta forma ela conduziu vários exemplos para que pudessem fixá-las).

4.1.9 Completando a tirinha da Turma da Mônica

O primeiro comando em qualquer atividade é que os alunos escrevam seu nome na folha, alguns já sabiam outros não, mas de qualquer forma cada um tinha a ficha com seu nome para ajudar caso precisassem.

Na atividade proposta, os alunos deveriam ler a expressão que se encontrava abaixo de cada situação vivida pelos personagens da turma da Mônica, as expressões citadas na atividade foram as aprendidas na aula (oi, eu, ui, ai, au, etc).

No decorrer da atividade, foi possível ouvir os alunos lerem as expressões em voz alta. Após alguns minutos a professora passou a leitura com os alunos.

Na segunda parte da atividade, os alunos deveriam completar as falas da tirinha que correspondesse exatamente com cada imagem apresentada. A professora conduziu a atividade no quadro, ela lia as sentenças, comentava as imagens e perguntava aos alunos o que estava faltando.

Foi notável a dificuldade dos alunos em compreender a atividade no quadro só com as palavras. E então se fez necessário que a professora desenhasse no quadro.

Em seguida, a professora passou de mesa em mesa para verificar os exercícios de cada um (corrigindo e fixando com cada aluno). Terminada a correção, os alunos estavam autorizados a colorir.

A professora verificou que havia um aluno que não conseguiu acompanhar. Foi então que se sentou junto à criança trazendo em mãos o alfabeto em E.V.A. Pediu que a garota separasse, depois foi completando cada cena do diálogo com a criança, e percebeu que ela sabia qual era a fala, mas ao transcrever fazia confusão. Logo, a professora pediu que ela falasse pausadamente cada interjeição e ao falar pegasse e letra nas vogais do saco-alfabético, formando assim cada expressão da atividade.

4.2 Análise Dos Dados

A pesquisa aconteceu em escola pública de Ceilândia, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental, turma essa constituída por alfabetizandos. A professora regente com 20 (vinte) anos de experiência em alfabetizar, contribuiu positivamente para a execução desse trabalho.

Partindo das asserções construídas e comparando-as às observações coletadas, foi possível chegar aos seguintes resultados:

ASSERÇÃO GERAL:

As estratégias conduzidas pelo professor podem auxiliar no desenvolvimento da consciência fonológica e do princípio alfabético do alfabetizando.

Conclusão:

A consciência fonológica consiste inicialmente na reflexão da relação que existe entre a oralidade e escrita, do som da fala e o som da palavra. Prontos para exercer essa apuração sonora, os alunos se encontram preparados para reconhecer e decodificar o sistema alfabético, logo se encontrarão mais próximos à alfabetização.

Barbato(2004) destaca a importância de atividades lúdicas e contextualizadas no período de alfabetização, pois se tornam mais prazerosas aos alunos e que acarretarão em resultados positivos.

A asserção geral foi confirmada nas observações feitas em sala de aula, já que a professora usava estratégias valiosas, promovendo regularmente atividades diferenciadas que envolvessem os alunos e os motivassem durante o processo de aquisição da leitura e da escrita, conforme se pode verificar no capítulo 4, seção 2, onde as atividades acompanhadas foram descritas.

4.1.1 Chamada

A partir da inovação feita com a chamada, instrumento de controle de frequência utilizado pela professora, os alunos eram capazes de reconhecer as letras comuns aos nomes dos colegas de classe em palavras presentes em sua rotina.

4.1.2 O caldeirão da mistura

A atividade, simulando uma receita, envolveu os alunos de uma maneira muito intensa, funcionando a princípio como uma atividade introdutória a apresentação/familiarização com o alfabeto. Essa atividade foi muito válida, pois na sala de aula existiam alunos que não tinham a capacidade de diferenciar letras, para somente então estarem preparados ao ensino da decodificação e o desenvolvimento da consciência fonológica das letras que constituem o sistema alfabético.

4.1.3 O alfabeto

A escolha pela utilização do material concreto em sala de aula foi de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças. Poder pegar, perceber as formas e curvas daquelas letras até então desconhecidas por alguns, os auxiliou na alfabetização.

4.1.4 Rabiscando no ar

O ato de desenhar constitui basicamente os primeiros contatos das crianças com a escrita. Ao perceber esse vínculo e com o objetivo de desenvolver essas e outras habilidades, a professora optou por operar na imaginação dos alunos a sonoridades das letras. Esta estratégia resultou em ótimos resultados, pois, sempre que eram surpreendidos por alguma dúvida, eles retornavam a fazer os rabiscos no ar, estabelecendo uma sólida relação entre a forma e o som de cada letra.

4.1.5 Trabalhando com embalagens

A professora utilizou embalagens e rótulos que fossem comuns à rotina de cada aluno para exemplificar as vogais estudadas (A,E,I,O,U) que podem ser fixadas diariamente ao ter contato com estas.

4.1.6 Nomes dos alunos

O vínculo construído em sala de aula entre as crianças foi fundamental para o estreitamento de laços com o sistema alfabético, pois frequentemente relacionavam as iniciais dos nomes dos colegas com letras/ palavras.

4.1.7 Montando um dicionário de bolso

O primeiro contato com o livro de significados, o dicionário, foi muito importante ao desenvolvimento dos alfabetizados. A apresentação das palavras seguidas de suas respectivas imagens auxiliou na identificação e decodificação das letras do alfabeto.

4.1.8 Dançando com as letras e formando palavras

Foi a atividade que mais motivou os alunos, era notável a “excitação” dos mesmos, a participação foi em massa. Promover a ligação de letras e logo a formação de sílabas, foi uma conquista imensurável para aqueles que até pouco tempo mal sabiam diferenciar as letras dos números.

4.1.9 Completando a tirinha da Turma da Mônica

Com base nas expressões aprendidas na atividade “Dançando com as letras”, os alunos tiveram a oportunidade de ler e transcrever as sílabas, o que representou um enorme passo em busca da alfabetização.

SUBAÇÕES:

- 1. O planejamento é algo fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois estabelecer a relação entre a teoria e a prática contribui para o melhor desempenho do professor em sala de aula;**

Conclusão:

Conforme Moura (2010, p.31) “É responsabilidade do professor organizar situações didáticas que favoreçam o desenvolvimento.”

Para que essas situações se concretizem é necessária a organização do trabalho pedagógico, no qual devem ser previstas e delineadas diversas situações educativas. Porém, o professor deve estar consciente de que o planejamento é o eixo norteador, jamais limitador da ação pedagógica.

A professora que ministrava as aulas na turma de alfabetização se manteve sempre preocupada com o planejamento de suas aulas, que eram confeccionados no turno contrário, no horário de coordenação. Quando questionada sobre a importância desse planejamento, a professora afirmou que não abria mão de se organizar antes, até porque se esforçava bastante para oferecer aos alunos aulas dinâmicas e para isso se torna necessária a preparação de alguns materiais específicos. Para exercer um trabalho com eficácia não era poupado nenhum esforço.

Conforme foi possível presenciar nas atividades acompanhadas em sala de aula, (apresentadas no cap. 4, seção 2,) o planejamento é a ferramenta essencial para eficácia do ensino oferecido, cada atividade planejada deve ter, anteriormente, seu objetivo traçado, seguido de alguns prévios procedimentos e amparados por um cronograma superficial.

Objetivo de cada atividade (Seção 2, Capítulo 4):

4.1.1 Acompanhar a frequência com o auxílio da participação de todos os alunos, destacando as letras iniciais do nome de cada aluno, facilitando a identificação.

4.1.2 Efetivar a diferença entre número e letra.

4.1.3 Apresentar as letras por meio de um alfabeto móvel (material concreto).

4.1.4 Desenvolver a consciência fonológica do aluno, utilizando de uma habilidade que lhe é habitual.

4.1.5 Utilizar de materiais rotineiros na familiarização com o sistema alfabético.

4.1.6 Desenvolver o vocabulário do aluno a partir do seu próprio nome.

4.1.7 Identificar a letra inicial de cada palavra e relacionar com sua respectiva imagem. Ampliando o vocabulário, e introduziu o conceito de dicionário em sala de aula.

4.1.8 Formar palavras; trabalhar a consciência fonológica (frisando o som de cada letra); analisar o contexto (exemplificando cada sílaba formada); possibilitar a leitura das sílabas construídas.

4.1.9 Exercitar a leitura e desenvolver escrita.

2. A seleção das metodologias que serão possivelmente eficazes à alfabetização, é um dos fatores fundamentais ao desenvolvimento dos alunos.

Conclusão:

Carvalho (2007) propõe que o educador aceite o papel e a função que lhe é predestinada, a de guia conhecedor, que é responsável pela escolha do método a ser utilizado.

O professor alfabetizador é um instrumento essencial para o desenvolvimento do alfabetizando, como agente introdutor da criança nos primeiros contatos com as práticas de leitura e escrita, que deve assumir de maneira comprometida a parceria no percurso para a apropriação de novas linguagens, alimentando na criança a sede de aprendizado.

Antes de começar qualquer trabalho de alfabetização, a professora procurar conhecer melhor seus alunos. Após a primeira semana de aula a educadora marcou uma reunião com os pais, para que pudessem conversar e conhecer um pouco melhor a história de cada criança, entendendo o meio em que estão inseridas.

Em sala de aula procurava desenvolver atividades que possibilitassem a observação dos estágios de alfabetização (FERREIRO & TEBEROSKY, Psicogênese da Escrita), e somente então iniciava seu trabalho de alfabetização, pois sabia as dificuldades, os avanços e as habilidades de cada criança da turma.

Por se tratar de uma turma de 1º ano, entre 5-6 anos de idades, as atividades lúdicas são de grande relevância durante o processo de aquisição da leitura e da escrita.

A segunda subserção também obteve confirmação. A professora A. focada em alfabetizar seus alunos, não media esforços para alcançar os objetivos traçados. Suas aulas, ricas de conhecimento e dinâmicas, envolviam os alunos durante todo o período.

3. O professor que compreende o processo de desenvolvimento do aluno e consegue se adaptar a ele, terá resultados positivos em sala de aula.

Conclusão:

O processo que circunda o desenvolvimento, o crescimento e a maturação é composto por uma mistura de elementos internos e externos, mas que são “absorvidos”, destacando

nesses acontecimentos a importância dada à interação, seja ela com outras pessoas e/ou objetos.

Para Cole (2004, p.523) a “sociabilização é um processo humano universal que tem sido sempre uma parte da experiência humana em todo lugar.” O ato de sociabilizar contribui para o processo de aquisição de conhecimento e o aprimoramento de habilidades.

O desenvolvimento do alfabetizando é o fator que rodeia qualquer ação pedagógica da professora observada. A mesma garantiu que não possui muitos estudos teóricos aprofundados sobre o desenvolvimento infantil, mas afirma também que algumas características são inconfundíveis, como o fato de atingirem uma maior maturidade, que logo é mostrado pelo interesse nos estudos; ou o aperfeiçoamento da capacidade psicomotora, e muitos outros aspectos que podem ser identificados e trabalhados em sala de aula.

A terceira subseção pode ser confirmada a partir do interesse da professora em compreender a bagagem sociocultural e intelectual trazida por cada aluno, destacando as habilidades e dificuldades de cada um, adaptando o seu planejamento de trabalho à realidade de cada criança, que podem ser “confirmadas” a partir das atividades acompanhadas em sala de aula, que estão mais bem descritas no capítulo 4, seção 1.

4. O planejamento do professor deve ser maleável à mudança, se necessário.

Conclusão:

Grossi (1990, p.75) indica que “uma proposta didática é muito mais do que uma receita”. Desta forma, se torna necessária sua reformulação/readaptação conforme sua aplicação, estabelecendo relações experimentos práticos e as fundamentações teóricas.

A quarta subseção foi identificada em alguns momentos das observações. Como pode ser vista no Capítulo 4, seção 4.1.9, na atividade de completar a tirinha da turma da Mônica, pois no planejamento da professora a correção seria feita oralmente. Porém, alguns alunos tiveram dificuldades no preenchimento dos espaços solicitados, ou seja, na transcrição das sílabas formadas. Ao notar o problema, a professora, rapidamente, reproduziu a tirinha (com o desenho ampliado) para facilitar a visualização e o entendimento de todos.

5. A interação entre professor e aluno traz resultados significativos ao desenvolvimento do aluno no processo de aprendizagem.

Conclusão:

Segundo Saltini(2008) o vínculo firmando entre o aluno e o professor na relação é encarado como um relacionamento familiar.

No ambiente escolar, o papel do professor é exclusivo e distinto dos alunos. O professor deve valorizar as raízes culturais e psicológicas do aluno, fazendo com que a particularidade no modo de falar não se torne a razão de conflitos em sala de aula.

O educador também deve organizar o ambiente no qual instigará o interesse e o envolvimento das crianças. A atuação do profissional da educação consiste na intuição e na sensação.

A parceria e o comprometimento com os estudos eram aspectos norteadores para o processo de ensino e aprendizagem dentro do ambiente observado. “A troca de conhecimento, a comunicação estabelecida são componentes fundamentais ao desenvolvimento dos pequeninos”, segundo a professora.

A quinta e última asserção desta pesquisa foi confirmada do início ao fim das observações, partindo da preocupação em conhecer e identificar cada aluno que constituía a turma; passando pelo árduo planejamento de cada atividade (apresentadas no Cap. 4., Seção 2 desse trabalho); e finalizando somente quando alcançados os requisitos pré-estabelecidos para cada exercício. A relação e o vínculo construído eram fatores admiráveis e essenciais ao processo de ensino- aprendizagem dos envolvidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amadurecimento desta pesquisa se deu a médio/ longo prazo. Até que se chegasse à sua finalização, muitas ideias foram defendidas corajosamente, já outras foram deixadas pelo meio do caminho, mas posso destacar que o aprendizado que conquistei e a experiência vivenciada foram essenciais e determinantes para a minha formação.

Este trabalho proporcionou uma reflexão acerca do papel do professor no desenvolvimento de seus alunos que estão sendo alfabetizados. Os objetivos que foram demarcados, inicialmente, foram atingidos durante a pesquisa, ao longo dos capítulos. Essa pesquisa aponta a importância do professor no processo de desenvolvimento cognitivo dos alfabetizados, a partir de: 1. Um esclarecimento quanto ao desenvolvimento da criança, proporcionado pela Psicologia do Desenvolvimento; 2. As estratégias didáticas utilizadas no processo de alfabetização e 3. Desenvolvimento da consciência fonológica nos alunos.

Na construção da parte teórica foi possível refletir, de modo aprofundado, as características que envolvem o desenvolvimento das crianças (entre 06 e 07 anos, que normalmente, se encontram no período de alfabetização), a importância de uma didática bem desenvolvida e aplicada, a influência do professor no processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento da consciência fonológica, o que muito contribui ao domínio da leitura e da escrita.

Na realização da pesquisa, posso descrever as observações compartilhadas como, no mínimo, intensas e enriquecedoras. Atentei-me a aspectos que sempre me preocuparam, por exemplo, a responsabilidade de ser educadora, de ter o prazo de 01 (um) ano para tornar aquelas crianças, que a mim foram confiadas, em leitores, que poderão em qualquer lugar identificar, reconhecer, falar e compreender qualquer letra/ palavra/ frase/ texto. Enfim, de ser peça chave para o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social daqueles pequeninos.

Com a finalização desse trabalho, pretendo, além de seguir a carreira docente e prosseguir com uma especialização, me propor a lutar por uma educação de qualidade, ciente do meu papel como educadora, não me deixando desanimar pelos desafios que fazem parte dessa carreira.

TERCEIRA PARTE

1. PERSPECTIVA PROFISSIONAL

Ser educadora sempre foi meu maior desejo, desde a infância, ser “a professora” foi abrincaadeira mais presente nos momentos de diversão.

Ao ingressar no curso de Pedagogia, essa vocação foi reafirmada. Confesso que no decorrer do curso surgiram alguns questionamentos: se estava no lugar correto, se eu havia me enganado quanto à escolha do curso, pois deveria ter continuado cursando Biologia. Porém, quando me deparei com as disciplinas de alfabetização, seguidas pelos estágios, as observações e participações em sala, tive a plena certeza de que tinha tomado o caminho certo. Não tinha como fugir, havia nascido para dar aulas, conviver com pessoas, ensinar muito e o mais importante, não deixar de aprender nunca.

Durante o curso tive experiências ímpares. Estreitar laços com o mundo das crianças, poder conviver com elas, me deixou ainda mais fascinada pela Educação e pelo mundo desses pequeninos. Trata-se de um trabalho árduo, desgastante, cansativo, mas a recompensa e o prazer é ainda mais gratificante.

Não vou me contentar em parar na graduação, ainda quero me especializar em Alfabetização e Linguagem, e pretendo aproveitar que estou nesse ritmo acelerado dos estudos e seguir com um mestrado.

No mercado de trabalho me dedicarei ao máximo para me tornar uma professora concursada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

REFERÊNCIAS

- BARBATO, Silviane Bonaccorsi. Letramento, alfabetização e escola na infância. IN: **Alfabetização e Linguagem**. Brasília: Centro de Formação Continuada de Professores da Universidade de Brasília – CFORM/ UnB: Secretaria de Educação Básica – MEC/SEB, 2004.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna – A Sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. (orgs). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo. Parábola Editorial, 2012.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- COLE, M. & COLE, S.R. A maneira de pensar na Primeira infância: Ilhas de Competência. In: **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: ARTMED. 2004. p.351-389.
- _____. Estudo do Desenvolvimento Humano. In: **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: ARTMED. 2004. p.23- 63.
- CURY, Augusto. **Maria, a maior educadora da história: Dez princípios que Maria utilizou para educar o menino Jesus**. São Paulo. Editora: Academia. 8ª reimpressão. 2007.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Traduzido por: José Carlos Eufrázio. São Paulo. Cortez, 1996.
- DICIO. **Dicionário online**. Disponível em:<<http://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 13 de fevereiro de 2012, às 09:25h.
- FARIAS, Isabel Maria Sabino de., et al. **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Líber Livro, 2009.
- FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtensteinet al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GONDIM, M.R.A. **Práticas de Letramento em classes de alfabetização de crianças e desenvolvimento da consciência fonológica**. Dissertação de mestrado inédita. Programa de Pós-Graduação em Educação. UnB, 2007.
- GRIGGS, R.A. **Psicologia: Uma abordagem concisa**. (2ª.Ed). Porto Alegre: Artmed. 2009.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática da alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 10.ed. v.1.

_____. **Didática da alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 9.ed. v.3.

HEINIG, OtiliaLizete& AZEVEDO, Cátia de (Orgs.).**Diálogos entre Linguística e Educação**. Blumenau, SC: Editora da FURB, 2010.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss – Versão Monousuário 3.0**. Editora Objetiva Ltda, junho 2009.

HUGO,Victor. **Desejo**.

Disponível em: <<http://prosaemverso.br.tripod.com/prosaemverso/id68.html>> Acesso em: 23 de maio de 2012, às 08:16h.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 10 reimpr. *Coleção Letramento, Educação e Sociedade*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

LEMLE, Miriam. **Guia do Alfabetizador**. 14ªed. São Paulo. Editora Ática. 1999.

MOURA, M.O (Org.). O desenvolvimento psíquico e o processo educativo. In: **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. Brasília. Editora Liber Livros. 2010. p. 45-66.

_____. Sobre o processo de humanização. In: **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. Brasília. Editora Liber Livros. 2010. p. 13-44

OLIVEIRA, Sonia Cristina de; GOMES, Cleomar Ferreira. **A abordagem de pesquisa etnográfica: reflexões e contribuições**. 2005.Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=702>> Acesso em: 24 de abril de 2012, às 22:36h.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Traduzido por: Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Editora Forense. 2ed . Rio de Janeiro e São Paulo. 1972.

SACALOSKI, M.; ALAVARSI, E.; GUERRA, G. Desenvolvimento Normal da Leitura e da Escrita. In: **Fonoaudiologia na Escola**. São Paulo. Editora Lovise. 2000. p.47-65.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

SALVADOR, C. C. & cols. A interação professor/ alunos no processo de ensino e de aprendizagem. In: **Psicologia do ensino**. Porto Alegre: ARTEMED Editora. 2000. p.164-197.

_____. As “teorias da aprendizagem” e a aprendizagem escolar. In: **Psicologia do ensino**. Porto Alegre: ARTEMED Editora. 2000. p.215- 265.

SALVADOR, C.C.; Mestres, M.M. Goñi, J.O. &Gallart, I.S. A organização social da educação: práticas educativas e desenvolvimento humano. In: **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: ARTMED Editora. 1999. p. 141- 151.

_____. Cultura, educação, aprendizagem e desenvolvimento pessoal. In: **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: ARTMED Editora. 1999. p. 111- 117.

_____. Desenvolvimento Pessoal e Educação: Introdução. .In: **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: ARTMED Editora. 1999. p. 79- 80.

_____. Níveis de desenvolvimento e as relações com o ambiente físico e social: o ponto de vista de Piaget. In: **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: ARTMED Editora. 1999. p. 87- 98.

_____. O desenvolvimento das funções psicológicas superiores: o ponto de vista de Vygotsky. In: **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: ARTMED Editora. 1999. p. 99- 110.

_____. Os fatores explicativos do desenvolvimento humano: do desenvolvimento necessário ao desenvolvimento mediatizado. In: **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: ARTMED Editora. 1999. p. 81- 86.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**.2.ed. 11. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**.Ed. Autêntica, 1º edição, 1996.

SPIEGEL, Regina. **Professor-alfabetizador: Representações e impactos da sua prática profissional**. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.